

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA PROF-FILO**

ADEMIR JOSÉ DE LIMA

A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DE FILOSOFIA

**UNIÃO DA VITÓRIA
2020**

ADEMIR JOSÉ DE LIMA

A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Filosofia no programa de pós-graduação PROF-FILO, na UNESPAR.

Orientador: Prof. Dr. Samon Noyama

União da Vitória

2020

Catálogo na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 9ª/1416.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L696i Lima, Ademir José de.

A indústria cultural e o ensino de filosofia / Ademir José de Lima. - União da Vitória, 2020.

90 f. : il.:

Orientador: Prof^o. Dr.^o Samon Noyama.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Estadual do Paraná – Campus União da Vitória, Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia – PROF – FILO. União da Vitória, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Indústria Cultural . 2. Escola de Frankfurt. 3. Ensino de filosofia. 4. Arte.
I. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós - Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia – PROF – FILO. II. Noyama, Samon. III. Título

CDD: 306.4

CDU: 316.77:1


Ata da defesa de dissertação de mestrado


Aos 31 dias do mês de agosto de 2020, às 14h:00min, via Plataforma online Google Meet, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Samon Noyama (Orientador), Renata Tavares Noyama (UNESPAR), Antônio Charles Santiago Almeida (UNESPAR) e Marcelo José Derzi Moraes (UERJ), Membro Externo, a fim de argüirem o mestrando Ademir José de Lima sobre a apresentação da dissertação intitulada: "A Indústria Cultural e o Ensino de Filosofia". A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, o candidato foi argüido pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa: (X) Aprovado. () Reprovado. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16h45, dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. O candidato está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.


Banca Examinadora:


Prof. Dr. Samon Noyama (UFABC/UNESPAR – (Orientador)


Prof. Dr. Antonio Charles Santiago Almeida (UNESPAR)


Prof. Dr. Renata Tavares Noyama (UNESPAR)


Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes (UERJ) – Membro Externo

Candidato: 
Ademir José de Lima

União da Vitória, 31 de agosto de 2020.

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie.

Walter Benjamin

A cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança.

Adorno e Horkheimer

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos responsáveis pelo Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO por me proporcionar a oportunidade de desenvolver essa pesquisa e o meu aperfeiçoamento profissional e pessoal.

A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior por me oportunizar bolsa de estudos para o melhor desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao meu orientador Dr. Samon Noyama por ter me auxiliado e orientado no desenvolvimento dessa pesquisa e tese.

Aos membros da banca avaliadora pelo aceite em analisar minha pesquisa e dissertação.

A todos os professores participantes do núcleo UNESPAR PROF-FILO pela dedicação e auxílio em todo o meu processo de formação.

RESUMO

A indústria cultural é um conceito desenvolvido pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer da Escola de Frankfurt ao perceber a reprodução da obra de arte. As expressões artísticas, a partir do desenvolvimento das técnicas de reprodução, perdem sua originalidade e passam a atender exclusivamente a lógica do mercado. Para esses filósofos toda expressão artística reproduzida é uma mercadoria destinada ao consumo. Walter Benjamin filósofo alemão e pertencente à mesma escola de Frankfurt percebe que a arte em tempos de reprodutibilidade técnica perde várias características essenciais como a aura, autenticidade e valor de culto. Contudo, Benjamin observa a possibilidade da democratização da arte a partir de certos elementos da indústria cultural como o cinema e a fotografia. Para este filósofo a arte enquanto objeto de culto está destinada a um pequeno número de pessoas privilegiadas. Mas, as expressões artísticas a partir da industrialização e do avanço das tecnologias desenvolvidas como o cinema, por exemplo, proporcionam algo ainda não experimentado no universo estético, a aproximação do grande público, ao identificar-se com aspectos sociais do seu cotidiano. Nessa perspectiva benjaminiana objetivou-se nessa proposta analisar a utilização de elementos da Indústria Cultural a partir da exibição de filmes com o propósito de sensibilizar e problematizar os temas relacionados ao ensino de filosofia no ensino médio. Os filmes escolhidos foram filme *Fahrenheit 451* na perspectiva de sensibilizar para a importância do conhecimento e *O show de Truman*, uma análise da influência da própria indústria cultural. A presente ainda conta com a contextualização das obras dos principais filósofos sobre a indústria cultural e de textos e obras de diversos outros pesquisadores sobre o tema.

Palavras-chave: Indústria Cultural, Escola de Frankfurt, ensino de filosofia, arte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
PARTE I: O ENSINO DA FILOSOFIA E O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA METODOLÓGICA	11
1. Breve comentário sobre o ensino de filosofia no Brasil.....	11
2. A contribuição inicial do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) para o ensino de filosofia / atividade docente.....	14
3. A proposta e a experiência realizada com alunos do Ensino Médio.....	17
3.1 Da metodologia utilizada.....	18
3.1.1 A prática a partir da metodologia do Silvio Gallo e os temas da Indústria Cultural.....	19
3.2 Cronograma das atividades.....	20
3.3 O cinema e os temas da filosofia.....	22
3.3.1 O Iluminismo e a importância do conhecimento a partir de <i>Fahrenheit 451</i>	22
3.3.2 Estética e Indústria Cultural a partir de <i>O show de Truman</i>	24
3.3.3 A receptividade dos educandos aos elementos e conteúdos abordados..	27
4. Avaliação da aplicação do projeto.....	29
4.1 Auto avaliação.....	32
ELEMENTOS DE TRANSIÇÃO: SOBRE A UTILIZAÇÃO DE ELEMENTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL NAS AULAS DE FILOSOFIA	34
1. Porque utilizar os elementos da Indústria Cultural nas aulas de filosofia?	34
2. A Escola de Frankfurt e a Teoria da Indústria cultural	35
2.1 O conceito de Indústria Cultural	37
3. Walter Benjamin e a escola de Frankfurt	39
PARTE II: REFLEXÕES SOBRE OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA INDÚSTRIA CULTURAL EM ADORNO, HORKHEIMER E BENJAMIN	43
1. Adorno, Horkheimer e o conceito de Indústria Cultural	43
1.1 O conceito de Indústria Cultural	46

1.2 Princípio de identidade, arte moderna e experiência estética	50
2. Benjamin e a reprodução da obra de arte	54
2.1 O conceito de reprodutibilidade técnica	56
2.2 A falta da autenticidade e a destruição da aura	61
2.3 Valor de culto e valor de exposição	63
2.4 Benjamin e o conceito de crítica	64
2.5 Aspectos positivos na reprodutibilidade técnica da obra de arte	66
2.6 Barbárie positiva em Benjamin	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

A indústria cultural é um fenômeno da sociedade capitalista moderna, o termo foi cunhado pelos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer no texto “A indústria cultural como mistificação das massas” em sua obra *A dialética do esclarecimento*, publicada em 1947, como crítica à transformação da produção artística em mercadoria cultural. Nessa obra, os filósofos, sob forte influência do pensamento marxista, desmitificam o ideal iluminista de que através da razão o homem moderno se tornaria esclarecido.

Apesar do acesso ao conhecimento e da promessa da ciência de transformação social, o que os filósofos acusam é que com o desenvolvimento do capitalismo e da produção de bens materiais a arte foi transformada em mercadoria, transformando-se num dos principais veículos de alienação das massas e de propagação do consumo. Adorno e Horkheimer criticam as novas formas de arte como o cinema e a música reproduzida assim como os meios de comunicação de massa, pois esses se configuram como elementos que visariam apenas lucro as grandes corporações à serviço do modo de produção capitalista e, portanto, dos interesses econômicos das classes dominantes.

Walter Benjamin apresenta duas concepções diferentes sobre o fenômeno da reprodução artística. Segundo o filósofo, a reprodutibilidade técnica da arte retirou alguns aspectos essenciais oriundos da obra original, mas proporcionou à arte uma proximidade com um público até então velado a esta experiência. Para Benjamin, as novas formas de expressão artística, como a fotografia e o cinema, podem ser veículos de transmissão de cultura e de identificação do grande público com aspectos e problemas de sua vida social moderna em uma espécie de conscientização social. É a partir dessa segunda perspectiva benjaminiana que a aplicação deste projeto e a dissertação de mestrado dele resultante, tentará responder à questão com relação a experiência filosófica em sala de aula. Grosso modo, pretendemos encontrar maneiras de responder à pergunta: é possível utilizar elementos da indústria cultural nas aulas de filosofia do ensino médio?

O ensino da filosofia no âmbito secundarista do sistema educacional no Brasil é um problema, e deve ser entendido como um problema filosófico, pois a sua volta aos currículos escolares promoveu uma série de dificuldades inerentes à prática docente, especialmente no que diz respeito às especificidades da disciplina e seus

conteúdos. Naturalmente e como esperado, muitos professores encontraram dificuldades e procuraram metodologias para desenvolver seus trabalhos e dar conta das demandas apresentadas.

Como desenvolver nos alunos secundaristas o apreço pela filosofia já que ela, ao desenvolver conceitos, produz uma linguagem de difícil assimilação dos educandos? Além disso, o conhecimento filosófico parece estar longe do cotidiano dos alunos e das escolas: como diminuir essa distância e dar significado a esses conteúdos? A resposta a esses problemas dada por filósofos pesquisadores brasileiros do ensino de filosofia, como Alejandro Cerletti e Walter Kohan, por exemplo, foi a de aproximar a filosofia com a vida e os problemas dos próprios educandos. Essa aproximação, a partir de uma metodologia específica, pode ocorrer através de uma sensibilização.

A sensibilização é um dos quatro passos do método desenvolvido por outro autor importante nesse cenário, o filósofo brasileiro Silvio Gallo, que está mais presente nesse trabalho do que os dois acima citados. Contudo a sensibilização é a aproximação dos temas estruturais do ensino da filosofia com a realidade dos alunos. Essa sensibilização pode ocorrer a partir de um elemento em que o educando está habituado e que seja de simples assimilação.

É nessa perspectiva que, à luz do pensamento de Walter Benjamin, serão utilizados nessa proposta de ensino de filosofia elementos da indústria cultural, especificamente o cinema. Os filmes foram delimitados de acordo com os temas filosóficos, no entanto o projeto não se restringiu apenas a reprodução dos filmes, mas se propôs a desenvolver uma metodologia para que os educandos fossem oportunizados a compreender e produzir reflexões filosóficas. O texto aqui desenvolvido foi desenvolvido em três partes a saber: “parte I: o ensino da filosofia e o desenvolvimento da prática metodológica”; “elementos de transição: sobre a utilização de elementos da indústria cultural nas aulas de filosofia” e “parte II: reflexões sobre os principais conceitos da indústria cultural em Adorno, Horkheimer e Benjamin”.

Na primeira parte fizemos uma breve análise sobre o ensino de filosofia, em seguida a descrição da atividade desenvolvida a partir da metodologia de Silvio Galo. Os temas escolhidos foram escolhidos a partir das diretrizes do ensino de filosofia do estado de Santa Catarina com base nas diretrizes nacionais do ensino de filosofia. Foram delimitados dois filmes e consecutivamente dois temas a serem abordados: O

Iluminismo e a importância do conhecimento a partir do filme *Fahrenheit 451*, estética e indústria cultural a partir do filme *O show de Truman*. As análises, as reflexões, assim como as produções dos educandos estão descritas nessa primeira parte.

Em um segundo momento foram apontados os elementos de transição analisando o porquê da utilização de elementos da indústria cultural, em específico o cinema nas aulas de filosofia relacionando com a metodologia utilizada. Outro aspecto abordado foi o surgimento e a importância da Escola de Frankfurt na análise da sociedade contemporânea e da industrialização da arte. Essa análise será feita a partir de artigos e obras de pesquisadores sobre a indústria cultural e das obras clássicas de Adorno, Horkheimer e Benjamin.

Em um terceiro momento, reflexões sobre os principais conceitos da indústria cultural em Adorno, Horkheimer e Benjamin, foram analisados os principais conceitos sobre a industrialização da cultura. A reprodutibilidade técnica e seus desdobramentos na obra “A Obra de Arte em Tempos de Reprodutibilidade Técnica” de Walter Benjamin e o conceito de indústria cultural na obra *A Dialética do Esclarecimento* de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Nessa perspectiva, outros textos de importantes pesquisadores sobre o tema que produziram reflexões e enriqueceram o desenvolvimento dessa pesquisa também foram utilizados, com destaque para Karl Marx e sua obra “O Capital”, Susan Buck-Morss em seu artigo “Estética e Anestésica: o ensaio sobre a obra de arte”, Rodrigo Duarte, em sua obra “Teoria Crítica da Indústria Cultural”, Leandro Konder e a sua obra “A questão da ideologia”, Kátia Muricy em seu texto “Alegoria e Crítica”, Janine Regina Mogendorff em seu artigo “A Escola de Frankfurt e seu legado”, entre vários outros.

A instituição escolar de ensino médio escolhida para a pesquisa e execução da atividade foi a Escola de Educação Básica Professor Balduino Cardoso da cidade de Porto União do estado de Santa Catarina, pertencente a rede estadual de educação. Isso ocorreu devido ao fato de o autor dessa tese ser professor efetivo dessa instituição, a turma escolhida foi o terceiro ano do curso de formação de professores de educação infantil e séries iniciais, magistério, sendo uma turma diversificada, mas que demonstrou um grande interesse e participação nas aulas da disciplina de filosofia da educação.

A atividade aqui descrita me proporcionou um grande aprendizado para a minha formação docente, além de me permitir o ingresso em um universo rico de pesquisa acadêmica. Toda atividade quando bem elaborada proporciona uma grande

possibilidade de obter sucesso. Não queremos aqui, no entanto, cristalizar uma metodologia de ensino de filosofia, pois para o bom desempenho de toda atividade docente serão necessários diversos outros elementos. Contudo o maior legado para a minha formação foi a dialética ocorrida com a turma. Os alunos participaram dos debates e o mais gratificante com contribuições.

Alguns temas de filosofia parecem difíceis e até as vezes impossíveis de serem transmitidos aos alunos de ensino médio, porém quando conseguimos uma aproximação com o meio social dos educandos a atividade docente torna-se mais produtiva, é nesse sentido que percebemos a importância da utilização dos elementos da indústria cultural como forma de sensibilização.

PARTE I: O ENSINO DA FILOSOFIA E O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA METODOLÓGICA

1. Breve comentário sobre o ensino de filosofia no Brasil

Para uma análise breve, mas não superficial, analisaremos alguns artigos de pensadores e pesquisadores sobre o ensino de filosofia no Brasil encontrados na obra *Ensino de filosofia – teoria e prática*, organizada pelos professores Cornelli, Gallo e Danelon.

Filipe Ceppas, em seu texto “Anotações sobre a formação filosófica no Brasil e o ensino de filosofia”, escreve sobre a falência do ideal de formação cultural associado ao conceito alemão de *Bildung*, construção, uma formação romântica com base na formação moral, espiritual e intelectual que deu espaço a uma formação mais pragmática, em seguida procura indicar a natureza emancipadora da filosofia. Nesse contexto procura identificar alguns pontos cegos do discurso crítico sobre o ensino da filosofia. A filosofia pela sua valorização crítica e como ação emancipadora encontra-se seu maior problema no seu caráter normativo correndo o risco de tornar-se um discurso dogmático, por esse motivo e de outros decorrentes do seu ensino se faz necessário uma análise filosófica sobre o ensino da filosofia.

Não podemos esquecer que, historicamente, o ensino de filosofia que começa no Brasil com a chegada dos jesuítas foi, em sua gênese, elitista, permanecendo assim até meados dos anos 60. Podemos dizer até que a educação de forma geral era elitista, pois em 1970 apenas 6,5 % da população frequentava o (chamado) 2º grau. Além disso, em geral, a filosofia no meio acadêmico era vista de forma reducionista e positivista, em países como o Brasil ela é vista por um viés ingênuo, capaz de, a partir de análises conceituais, resolver problemas nacionais. O autor critica a elitização feita pela USP das produções filosóficas moldadas ao estilo francês estando distante do contexto social do país. O diálogo posteriormente com outras áreas do conhecimento possibilitou parcialmente a superação dessa concepção.

Ceppas cita Antônio Cândido para relacionar a falta de formação literária com a falta de formação filosófica. O folclore da comunicação oral dos analfabetos rurais se transforma em um folclore urbano dos alfabetizados pela cultura massificada dos centros urbanos. Em países sul americanos a filosofia é vista como um ecletismo incapaz de resolver problemas práticos. A alergia à filosofia demonstra a incapacidade

de interpretar a cultura no que tange a conjuntura político-econômica. Na cultura sul americana caracteriza-se um anti-intelectualismo procurando soluções práticas para problemas da prática. Por outro lado, a filosofia precisa perder seu caráter bacharelesco, o atraso e a alergia à filosofia não são somente decorrentes da falta de reflexão filosófica, mas também da falta de diálogo da filosofia com outras áreas do conhecimento. Em meio a tantos outros vícios, Ceppas atenta para o fato de que a reabertura para a reflexão filosófica está possibilitando refletir sobre o que significa “pensar nos trópicos”.

A professora Paula Ramos de Oliveira começa seu texto “Formação e semiformação em uma sociedade administrativa” demonstrando a importância do filosofar, da curiosidade do questionamento como prática. A autora faz uma crítica à indústria cultural em especial aos meios de comunicação de massa que promovem a semiformação e a semicultura. Assim como a arte, a filosofia deve produzir conhecimento, um olhar educativo sobre o mundo a educação na perspectiva filosófica possui dois desafios, a formação e a resistência à semiformação promovida pelas novas tecnologias. As pessoas procuram sempre soluções fáceis e mágicas para os problemas da sociedade administrativa, por isso é preciso mudar o paradigma da lógica do produto para a compreensão da lógica do processo. Podemos pensar que um grande desafio do ensino da filosofia, senão o maior deles, permanece sendo construir uma visão crítica sobre o mundo.

A LDB 9394/96 não garante a filosofia no Ensino Médio mas indica que seus conteúdos sejam trabalhados neste nível de ensino. Mas, para além disso, podemos nos perguntar: qual é o lugar que a filosofia ocupa hoje na educação? Ela é aliada daqueles que tentam a superação da fragmentação dos conteúdos? Os termos transversais e a interdisciplinaridade podem ser indicadores da necessidade da filosofia?

Contudo, a possibilidade de trabalhar temas como a ética em outros conteúdos que não são exclusivamente filosóficos promovem a semiformação. Um exemplo é confundir ética com educação de valores, ética e religião são campos diferentes. A filosofia corre o risco de estar em todos os lugares e a o mesmo tempo em lugar algum. Ela se faz extremamente necessária na atualidade e devemos lutar para a filosofia permaneça como disciplina, como ferramenta no combate a semiformação e na perspectiva de formação emancipadora.

Com relação a interdisciplinaridade e os temas transversais entre os desafios pedagógicos, está o de desfazer a ideia do senso comum de que esta é um agrupamento de disciplinas. Esse conceito pode ser entendido como um modo de pensar e agir segundo uma mentalidade em trânsito, não é sequencial nem linear. Silvia Maria Constalto ao escrever sobre esse tema relata que, o ensino hoje, médio e superior, está cristalizado na pedagogia da resposta. O professor traz respostas prontas e o aluno dá respostas sem entender a pergunta.

O ensino que se pretende ser interdisciplinar demanda não de uma perspectiva de mudança, mas de uma mudança de perspectiva. Essa mudança segundo Edgar Morin implica que tanto a filosofia como as demais disciplinas devem passar não por uma reforma programática, mas paradigmática. Não basta alterar programas e pedagogias, mas se faz necessário uma mudança de paradigma, de perspectiva, de objetivos para a educação que passam por uma interdisciplinaridade, relações entre os saberes, aprender a aprender. Assim, existem dois desafios essenciais: não recortar a cultura humana em dois blocos, humanidades e científicas, além de enfrentar o enfraquecimento do senso de responsabilidade decorrente de uma percepção global da realidade.

Segundo Pedro Demo, a interdisciplinaridade é a arte de aprofundamento com o sentido de abrangência para dar conta ao mesmo tempo da particularidade e da complexidade do real. Assim, para finalizar Constalto lembra de um provérbio latino *tenha medo dos homens de um só livro*. Ficar à mercê de um único saber ou fragmentar o conhecimento é negar ao ser humano a possibilidade de dar conta da dinâmica da realidade e transitar pelos múltiplos territórios do saber.

No texto intitulado "Filosofia e Autonomia", Wanderson Flor do Nascimento discute a possibilidade de uma ligação entre a filosofia e a autonomia levando em consideração que a autonomia está vinculada à cidadania em um contexto ético-político. O conceito de autonomia na perspectiva da individualidade surge na modernidade com Kant com a competência da razão em ditar suas próprias leis sem a influência de algo exterior a ela. Segundo Kant, o que é autônomo é a vontade que pode escolher os princípios morais que norteiam a ação humana. No contexto do iluminismo a liberdade de fazer escolhas e ser responsável por elas conceitua-se autonomia. O paradoxo que constitui a autonomia é a necessidade do outro para ser independente.

No entanto, para Nascimento a autonomia não é algo que se possa ganhar ou perder, é um acontecimento. Portanto, não há educação e política para ela, a autonomia é o que faz com que o indivíduo se recuse as amarras que lhe foram impostas pela sociedade, é liberar o indivíduo da ideia moderna de homem de práticas definidas e previsíveis.

A autonomia pressupõe uma compreensão e respeito das diferenças, somos todos diferentes e não opostos. A filosofia na escola deve promover a experiência de pensamento em uma luta que não se procura vencer, mas fortalecer seus lutadores contra a conformidade. Assim o autor deixa algumas questões para refletir sobre a filosofia na escola e como ferramenta para a autonomia. A filosofia sugere uma expansão dos limites, não possui fronteiras no desenvolvimento da criticidade. Como então ela lida com as limitações que a instituição escolar lhe coloca? A filosofia pode promover um sujeito autônomo no pensar? Ela poderia ser utilizada para atingir uma suposta autonomia do pensamento?

2 . A contribuição inicial do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) para o ensino de filosofia / atividade docente

O conceito de educação, como conhecemos hoje no mundo ocidental, pelo menos, teve sua gênese na Grécia Antiga a partir do momento em que a filosofia começou a delimitar a razão como uma forma de tentar responder as questões que envolvem a vida humana. A ideia de formação integral – *Paideia* – tem sua origem com a filosofia e o uso da razão, formar mente, corpo e espírito¹ como primeira concepção de razão.

Sócrates se consagrou como um dos maiores filósofos na tradição ocidental da filosofia por questionar as pessoas sobre seus dogmas induzindo-lhes a usar a razão. Pode-se dizer que Sócrates ensinava a filosofar e séculos mais tarde, Kant, por sua vez, afirmava que não se ensina filosofias como concepções fechadas, mas sim o ato de filosofar. No decorrer da história da filosofia, as questões relacionadas ao seu ensino foram debatidas por diversos filósofos. Contudo, a tradição filosófica brasileira se acostumou a considerar as questões relacionadas ao ensino de filosofia de ordem

¹ Espírito para os gregos antigos na formação de Paideia refere-se à formação de caráter e está relacionado a concepção de ética, viver bem em sociedade.

estritamente pedagógica criando um abismo entre as disciplinas teóricas e as metodológicas nos cursos de filosofia. Felizmente vemos, sobretudo na última década, uma mudança transformadora no posicionamento das reflexões colocadas quanto ao ensino de filosofia como um problema filosófico, e não somente pedagógico.

Não há uma receita, uma metodologia, ou um único método para ensinar filosofia, assim como nas demais disciplinas dos currículos escolares. Isso não impediu que desde a sua inclusão como disciplina regular no Ensino Médio brasileiro, professores de filosofia desenvolvem experiências e metodologias para o seu ensino e a diversidade dessas contribuições ajudou a ampliar o debate e amadurecer muitas maneiras de trabalhar com o ensino de filosofia. Com a intenção de compartilhar e desenvolver essas experiências e práticas de ensino entre esses profissionais, a partir de um aprofundamento teórico baseado em pesquisas melhorando assim a qualidade da atividade docente, foi criado o mestrado profissional em filosofia, o PROF-FILO.

A proposta de criação do mestrado profissional em filosofia foi pensada e apoiada pela ANPOF – Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia - que a partir de 2012 realizou encontros com professores secundaristas e pensadores na área do ensino de filosofia na Educação Básica. Desde 2008, quando a partir da lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, que tornou obrigatória a disciplina de filosofia nas escolas ocorreu diversas mobilizações entre os professores de filosofia para discutir sobre o seu ensino. Em 2016, o Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO – um programa de pós-graduação *stricto sensu* em rede nacional para professores de filosofia do ensino médio foi aprovado pela CAPES, tendo o início de suas atividades a partir de 2017.

O Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), como expresso em seu Regulamento Nacional é:

...um programa de pós-graduação destinado a ofertar curso de mestrado em Filosofia, na modalidade mestrado profissional, em rede, com abrangência nacional, e tem como público os professores de Filosofia na Educação Básica, preferencialmente aqueles que atuam nas escolas das redes públicas de ensino²

O objetivo principal pretende uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia na educação básica possibilitando assim a melhoria da qualidade do ensino de Filosofia na Educação

² Regulamento do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/regulamento/>>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

Básica. Segundo Patrícia Del Nero Velasco, em seu artigo *O que é isto – o PROF-FILO?*, o ensino da filosofia no Brasil deve ser enfrentado como um problema filosófico desenvolvendo assim, a filosofia do ensino da filosofia. Existe uma lacuna muito grande ainda com referência a estudos sobre o ensinar filosofia apesar de existirem diversos cursos de licenciatura no país. O PROF-FILO originou-se a partir da necessidade de reflexão e aprimoramento sobre o ensino de filosofia no ensino médio possibilitando a divulgação e publicação de diversas metodologias criativas a partir da experiência dos professores em sala de aula. Para se ensinar filosofia é preciso produzir filosofia, reflexão sobre os diversos problemas filosóficos e suas vertentes.

O PROF-FILO diferencia-se do mestrado acadêmico, pois está vinculado a prática docente com ênfase nas experiências em sala de aula buscando o desenvolvimento de metodologias pedagógicas. Como salienta Velasco, a pesquisa no PROF-FILO é engajada com um vínculo social na relação com o tempo presente. Outro aspecto importante elucidado pela autora é que o mestrado profissional em filosofia não tenta de forma alguma suprir as deficiências na formação dos professores de filosofia, mas de oferecer suporte para desenvolver materiais e pesquisar práticas no ensino de filosofia na educação básica, o que diferencia o PROF-FILO dos demais mestrados profissionais que em sua formação possuem caráter conteudista apesar de possuírem objetivos semelhantes, é a melhoria na qualidade de ensino.

São objetivos de um mestrado profissional:

- I - Capacitar profissionais qualificados para o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos, visando atender demandas sociais, organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho;
- II - Transferir conhecimento para a sociedade, atendendo demandas específicas e de arranjos produtivos com vistas ao desenvolvimento nacional, regional ou local;
- III - Promover a articulação integrada da formação profissional com entidades demandantes de naturezas diversas, visando melhorar a eficácia e a eficiência das organizações públicas e privadas por meio da solução de problemas e geração e aplicação de processos de inovação apropriados.³

A partir desses objetivos pré-estabelecidos é possível compreender o envolvimento social e político do mestrado profissional, a formação do docente não se encerra na Licenciatura, mas deve ser contínua promovendo uma articulação com as demandas da sociedade. O PROF-FILO, por sua vez, proporciona uma articulação

³ BRASIL. Ministério de Estado da Educação. *Portaria Normativa* Nº. 17, de 28 de dezembro de 2009. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/PortariaNormativa17MP.pdf>>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

entre a experiência na sala de aula e a pesquisa, a diversidade dos temas apresentados pelos acadêmicos do programa demonstra a abrangência que a filosofia possui e sua importância na formação social e humana dos alunos de educação básica.

3. A proposta e a experiência realizada com alunos do Ensino Médio

A aplicação do projeto ocorreu com alunos do ensino médio da Escola de Educação Básica Professor Balduino Cardoso da cidade de Porto União pertencente a rede estadual de educação do estado de Santa Catarina. A escola possui uma ótima estrutura com salas de aula amplas possuindo aparelho de televisão e multimídias e uma sala de vídeo, as turmas são de Ensino Médio regular primeiro, segundo e terceiro ano e a formação de professores, magistério, terceiro e quarto anos.

A turma escolhida foi o terceiro ano 01 do magistério, formação de docentes, Ensino Médio técnico, aplicado nas aulas de filosofia da educação, doze alunas com diversidade de idade entre 17 e 45 anos. Apesar da heterogeneidade da turma o nível de aprendizagem e a compreensão dos temas apresentados podem ser considerados bem satisfatórios. O comprometimento da turma, a identificação com a disciplina, com a metodologia e com o professor foram de extrema importância para esse resultado.

A carga horária semanal é de 02 aulas, a disciplina utilizada para a aplicação do projeto foi a filosofia da educação que diferencia em seus conteúdos da disciplina de filosofia do Ensino Médio regular. O curso do magistério no sistema de ensino do Estado de Santa Catarina ocorre em dois anos subsequentes ao ensino médio e qualifica profissionais para atuar na Educação Infantil e séries iniciais. Pela especificidade do curso de formação de professores a ementa da disciplina de filosofia da educação prevê que os conteúdos sejam direcionados à educação. Os objetivos da disciplina são o desenvolvimento do senso crítico, a compreensão da origem da educação vinculada ao pensamento racional e a apresentação das principais concepções filosóficas da educação.

Partindo da proposta pedagógica desenvolvida por Silvio Gallo, apresentada em sua obra "Metodologia do ensino médio uma didática para o Ensino Médio" os elementos da Indústria Cultural por serem conhecidos e de fácil acesso e aos

educandos podem proporcionar uma aproximação com os temas filosóficos apresentados, como a felicidade, a liberdade, direitos humanos, moral, ética, política entre outros.

Dedicada ao ensino médio e buscando uma metodologia que possa proporcionar um caminho para o ensino da filosofia, Gallo apresenta em sua obra quatro passos no processo de investigação filosófica, a sensibilização, a problematização, a investigação e reconstrução de conceitos os quais serão melhor apresentados no decorrer desse trabalho. Porém, como ressalta o filósofo não se trata de uma metodologia fechada, mas de um processo buscando despertar o interesse do aluno por temas filosóficos. É nessa perspectiva que foram utilizados os elementos da indústria cultural nesse projeto.

A proposta desse projeto pressupõe responder à questão: É possível utilizar elementos da Indústria cultural como forma de sensibilização nas aulas de filosofia? Levando em conta a metodologia utilizada foram escolhidos dois filmes a serem apresentados para as educandas buscando a sensibilização dos temas: a importância do conhecimento dentro do conteúdo teoria do conhecimento e indústria cultural dentro do conteúdo estética. O objetivo foi fazer uma ligação entre os conteúdos tendo como proposta a exibição de filmes vinculados aos temas trazendo, além da sensibilização, a problematização e promovendo o interesse pelos temas na busca pelos conceitos filosóficos através da leitura.

3.1 Da metodologia utilizada

A aplicação de um projeto que tenha por objetivo resultados satisfatórios como despertar o interesse para a reflexão sobre os temas abordados, desenvolver um maior apreço pelas questões filosóficas e o desenvolvimento do senso crítico nos educandos requer a escolha de uma metodologia que possibilite tal ação. Ao utilizar os elementos da indústria cultural como forma de reflexão e identificação com problemas do cotidiano, foi delimitada a metodologia para o ensino de filosofia desenvolvida por Silvio Gallo.

Na sua obra intitulada “Metodologia do ensino de filosofia”, o filósofo brasileiro propõe quatro passos para que os objetivos para o ensino da filosofia se tornem possíveis, a sensibilização, a problematização, a investigação e a reconstrução dos conceitos. É importante ressaltar que Gallo não limita a etapa da sensibilização

apenas aos elementos da indústria cultural deixando aberto a forma de trazer a identificação dos alunos com o tema proposto, da mesma forma esse processo não necessita seguir uma ordem por etapas. A apresentação dos elementos da indústria cultural como forma de identificação dos temas filosóficos também não requer uma ordem específica, um filme ou uma música, podem aparecer nas diversas etapas do processo e mais de uma única vez.

Penso que essa primeira etapa pode ser bem-sucedida com o recurso a peças artísticas; uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme; ou mesmo um desenho animado, uma história em quadrinhos... Em suma algo que chame a atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem, e que desperte seu interesse por um determinado problema. (GALLO, 2012, p.96).

Nas atividades desenvolvidas nesse projeto, foram utilizados filmes que possibilitaram aos educandos a identificação com os problemas filosóficos propostos como a importância do conhecimento e a própria Indústria Cultural. No que tange a sua aplicação os filmes foram exibidos no início das atividades como forma de sensibilização, mas também foram debatidos e relacionados nas etapas da problematização, conceituação e na reconstrução dos conceitos.

3.1.1 A prática a partir da metodologia do Silvio Gallo e os temas da Indústria Cultural

Analisando os quatro passos traçados por Gallo a sensibilização é a etapa na qual o educando desperta a curiosidade e o interesse pelo tema filosófico. Uma música, um filme ou uma parte de um filme, um documentário, imagens, fotografias ou até mesmo trechos de uma obra literária são utilizadas como forma de atrair a atenção para o tema a ser trabalhado em sala de aula, confirmando a proposta inicial de sensibilizar para o assunto a ser discutido. Além disso, dependendo do conteúdo da expressão artística escolhida e do envolvimento que o educando tiver com este, pode ser utilizado esse elemento nas outras etapas propostas por Gallo, como forma de relacionar o tema com a vida social do aluno.

Na problematização, etapa em que se propõe elaborar diversas questões sobre o tema filosófico, é possível também desenvolver algumas questões sobre o filme exibido ou a música, por exemplo, assim a relação com a vida cotidiana do educando

e as questões filosóficas são aproximadas. Para Gallo “trata-se de transformar o tema em problema, isto é, que ele suscite em cada um o objetivo de buscar soluções”. (GALLO, 2010, p. 96). Assim para o processo tenha êxito é importante que a sensibilização tenha ocorrido o filósofo brasileiro conclui que “nesse segundo momento, tendo a atenção mobilizada pela questão, o objetivo é problematizar vários de seus aspectos, de diferentes perspectivas” (idem).

A investigação é a etapa em que se busca conceitos na história da filosofia que sirvam de ferramentas para pensar o problema elaborado, trata-se de buscar recursos para que a partir da experiência do pensamento, possa se refletir sobre o próprio tempo. É o momento em que o educando terá contato com os conceitos e com a leitura filosófica compreendendo a importância dos temas e problemas investigados pela filosofia.

A conceituação ou reconstrução de conceitos não remete a elaboração de conceitos totalmente novos sem vínculo algum com aquilo que já foi investigado. Trata-se de fazer o aluno entender a filosofia como um processo em busca de soluções e, de que sua produção, é uma continuidade.

Que fique bem claro então que a criação (ou recriação de conceitos não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, com base no nada; são os próprios conceitos da história da filosofia ou seus elementos constitutivos que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir do nosso próprio problema (GALLO, 2012, p. 98).

Para Gallo esse método é um exercício filosófico que culmina com a criação de novos conceitos pensados a partir da realidade do educando. No entanto, mesmo que essa etapa não seja produtiva, ou seja, que aluno não produza “conceitos”, não significa que as outras etapas foram improdutivas. Essa etapa também pode ser utilizada como forma avaliação da capacidade do aluno de compreender e interpretar um problema filosófico e poderá ocorrer através da elaboração de um diálogo, de uma síntese, de um texto interpretativo entre outros.

3.2 Cronograma das atividades

Conteúdo:	Teoria do Conhecimento
Data	Tema: Iluminismo: A importância do conhecimento

12/09/2018	Sensibilização: filme Fahrenheit 451
19/09/2018	Problematização: Questionamento sobre a importância do conhecimento, qual é a relação entre o conhecimento e a informação das novas mídias tecnológicas? O que significa esclarecimento?
26/09/2018	Contextualização histórica: Idade Média e a proibição do conhecimento. Renascimento e iluminismo. Conceituação: leitura de textos filosóficos: Kant – O que é esclarecimento?
03/10/2018 10/10/2018	Reconstrução de conceitos: Pesquisa com os alunos dos principais filósofos iluministas. Pesquisa de frases dos filósofos iluministas relacionadas à importância do esclarecimento, do conhecimento e da educação. Elaboração de uma página na rede social Facebook e publicação das frases.

Conteúdo:	Estética
Data	Tema: Indústria Cultural
17/10/2018 23/10/2018	Sensibilização: Filme “O show de Truman
23/10/2018 30/10/2018	Problematização: Relação do filme com a influência dos meios de comunicação de massa na vida social dos indivíduos. Qual é a diferença entre experiência estética e entretenimento? O que é Indústria Cultural?
07/11/2018	Conceituação: Apresentação do conceito de Indústria Cultural do filósofo Theodor Adorno. Leitura do texto de Walter Benjamin “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” dividido em temas entre os alunos.
14/11/2018	Reconstrução de conceitos: A partir da leitura do texto de Benjamin dividido em temas, cada grupo de alunos produziram uma síntese que foi publicado na página do facebook.

Data	Atividade de avaliação do projeto
21/11/2018	Foi proposto como forma de avaliação da aplicação do projeto uma pesquisa, por parte dos alunos, de um filme que possibilite uma problematização e uma reflexão sobre a vida social.
28/11/2018	Apresentação dos alunos de sua pesquisa referente ao filme escolhido e sua problematização social. Cada aluno apresentou e em seguida publicou na página do facebook o trailer e a explicação do filme escolhido.

--	--

3.3 O cinema e os temas da filosofia

Os filmes trazem a possibilidade de aproximar e instigar a reflexão por parte dos alunos do ensino médio sobre os temas filosóficos. A escolha dos filmes não pode ocorrer de forma aleatória e deve levar em conta a possível compreensão e interesse dos alunos, de certa forma chamar a atenção do educando.

Os filmes são um recurso didático interessante e muito utilizado nas aulas de filosofia, sensibilizando e problematizando as questões filosóficas. É possível exibir recortes das obras cinematográficas visando uma abordagem mais direcionada, nesse projeto optamos em exibir os filmes de forma integral fazendo algumas paralizações para um aprofundamento do assunto e uma problematização sobre o que o filme retratava.

3.3.1 O Iluminismo e a importância do conhecimento a partir de *Fahrenheit 451*

a) Justificativa:

O filme escolhido para a elaboração dessa atividade foi *Fahrenheit 451*, pois apresenta uma sociedade futura em que o conhecimento era proibido, a leitura de qualquer obra filosófica ou literária era considerado ato subversivo e os bombeiros queimavam livros e prendiam quem os possuía. Nesse sentido é possível fazer uma relação com o contexto histórico que antecedeu o iluminismo, A Idade Média, conhecida como idade das trevas, pois nesse período o conhecimento também era proibido por questões religiosas.

b) Sensibilização: Filme – Fahrenheit 451

Fahrenheit 451 é um drama de ficção escrito e dirigido por Ramin Bahrani, baseado no livro de mesmo nome escrito por Ray Bradbury. Estrelado por Michael B. Jordan, Michael Shannon, Sofia Boutella, Lilly Singh, Laura Harrier, Andy McQueen e Martin Donovan.

O filme apresenta um futuro onde todos os livros são proibidos, opiniões próprias são consideradas antissociais e hedonistas, e o pensamento crítico é

suprimido. O personagem central, Guy Montag, trabalha como "bombeiro" (o que na história significa "queimador de livro"). O número 451 é a temperatura (em graus Fahrenheit) da queima do papel. No entanto, ele conhece Clarisse McClellan (Sofia Boutella), uma jovem misteriosa que faz com que ele comece a questionar suas atitudes e todo o sistema vigente.

c) Problematização:

A partir da exibição do filme levantou-se questões como: Qual é a importância da linguagem escrita, qual é a importância da leitura, por que a leitura de filosofia e de romances era proibido como forma de suprimir a angústia, por que o desenvolvimento do senso crítico é importante, o que é esclarecimento? O que é entretenimento? Como a tecnologia e a indústria cultural geram uma aparente felicidade?

d) Investigação:

Em uma breve exposição foram apresentados, a partir de uma contextualização histórica, os principais filósofos iluministas como Rousseau, Locke, Voltaire, Diderot e Kant e a defesa destes pensadores do acesso ao conhecimento e das liberdades individuais. Ocorreu na sequência da aplicação do projeto a leitura do texto de Immanuel Kant "O que é o esclarecimento?", salientando para importância da autonomia do sujeito, na possibilidade de não ser mais tutelado por outro e de poder fazer suas escolhas. Porém para Kant a escolha remete a responsabilidade e ao dever, assim o sujeito autônomo é aquele que faz uso de sua razão e do conhecimento para guiar-se.

Na sequência do processo de investigação dos conceitos discutiu-se com as educandas sobre a importância da enciclopédia desenvolvida por Diderot e D'Alambert, estes filósofos iluministas proporcionaram a divulgação do conhecimento a população, visto que nesse período histórico era restrito ao clero. Como forma de contextualizar apresentou-se às alunas, a enciclopédia "Barsa" encontrada na biblioteca da instituição escolar, sendo desenvolvida uma pesquisa de comparação entre conceitos como: filosofia, iluminismo, razão, autonomia entre outros, da enciclopédia em relação com o canal de busca da internet google. Assim questionou-se sobre: é possível utilizar-se da internet como fonte de conhecimento? Quais conhecimentos ou informações são proibidos na atualidade?

e) Reconstrução de conceitos:

Após o contato com alguns temas filosóficos que abordam a importância do acesso ao conhecimento serão levantadas outras questões para a reflexão como: de que maneira o avanço e o uso de tecnologias na atualidade estão suprimindo a leitura, a linguagem e o contato com a literatura? O acesso à informação divulgada na internet facilita a educação e a produção de conhecimento ou produz a semiformação? O que é esclarecimento? A partir desse momento foi produzido a reconstrução de conceitos como forma de avaliação.

f) Avaliação:

Foram produzidas sínteses do pensamento dos principais filósofos iluministas a partir de pesquisas bibliográficas. As alunas desenvolveram uma página denominada “Filósofos” no facebook (ver anexo x) como um veículo de divulgação de seus trabalhos, na qual publicaram as sínteses e frases dos principais filósofos iluministas que demonstram a importância do esclarecimento, do conhecimento e da liberdade religiosa e política. O objetivo nessa atividade foi o de proporcionar o contato das educandas com o pensamento dos principais filósofos iluministas e a defesa do acesso ao conhecimento e das liberdades individuais.

3.3.2 Estética e Indústria Cultural a partir de *O show de Truman*

a) Justificativa:

O filme *O show de Truman* é apresenta um reality show transmitido 24 horas ao vivo em um canal de televisão atingindo níveis altíssimos de audiência em que ator principal não sabe que sua vida está sendo filmada desde a sua gestação. O drama é um bom exemplo de como os meios de comunicação de massa interferem na vida das pessoas, manipulando-as para o consumo e suprimindo a sua individualidade.

b) Sensibilização: Filme “O Show de Truman”

O Show de Truman (The Truman Show – EUA – 1998) é um retrato do alto grau de espetacularização em que vive a sociedade contemporânea. Dirigido por Peter Weir e com roteiro de Andrew Niccol, o filme conta a história de Truman Burbank (Jim Carrey), um pacato corretor de seguros, que vive, sem saber, um reality show permanente. As câmeras, e os olhos de milhões de telespectadores em todo o mundo,

acompanham 24 horas por dia a vida de Truman, desde seu nascimento, na fictícia Ilha de Sea Heaven, o maior estúdio já construído. Seus familiares, esposa, amigos, colegas de trabalho e demais habitantes da cidade fazem parte de um elenco, comandado pela equipe de Christof (Ed Harris), o criador do show. São pequenos indícios que levam Truman a questionar a realidade harmônica e, de certa forma, perfeita, em que vive. O desenrolar do filme é a busca do personagem pela verdade sobre sua existência.

É possível, a partir do filme, refletir sobre mídia e sensacionalismo, temáticas relacionadas a essa área de conhecimento. Na abertura do show, Hannah Gill (Laura Linney), atriz que interpreta a esposa de Truman, Meryl, diz não acreditar numa distinção entre vida pública e privada. Essa afirmação relata o interesse da audiência, no filme e fora dele, pela vida do outro. Interesse esse, que leva o programa de televisão a adotar o ingênuo bebê Truman e privá-lo de uma vida real, com experiências autônomas e vivências próprias, criando-o como experimento midiático, observado exaustivamente, sem direito à privacidade.

c) Problematização:

Após a exibição de “O Show de Truman” foi proposto um debate com algumas questões relacionadas ao filme como: Tudo que aparece no espetáculo é para vender? A emoção dos filmes nos comove? Por quê? O quanto da nossa vida é real? O que realmente escolhemos?

É possível através da arte reproduzir a vida? As novas tecnologias invadem a vida privada das pessoas? Quais são os limites para o exibicionismo na busca por consumidores? O cinema nos proporciona reflexão sobre a vida social? O que é Indústria Cultural?

d) Investigação:

Foi apresentado o conceito de Adorno e Horkheimer sobre Indústria Cultural objetivando a compreensão por parte dos educandos de que as expressões artísticas na contemporaneidade foram transformadas em diversão promovendo o consumo no sistema capitalista. A arte ao ser reproduzida perde sua autenticidade, a experiência estética torna-se apenas entretenimento, isto ocorre graças a industrialização e exaustiva rotina do mundo capitalista, o trabalhador cansado de suas atividades laborais procura distração para aliviar suas tensões. Os meios de comunicação de

massa surgem para padronizar e divulgar as expressões artísticas promovendo o consumo.

Em outra perspectiva foi analisada a compreensão de Benjamin sobre a Indústria Cultural, na qual o autor, apesar de criticar essa forma de expressão artística vinculada ao consumo, descreve que os elementos da Indústria Cultural podem proporcionar a democratização da arte. Em relação ao cinema por exemplo, o filósofo é otimista, pois esta forma de expressão artística, segundo o autor, graças à sua necessidade de exposição e de sua multiplicação torna-se acessível ao grande público, o cinema é para Benjamin criação da coletividade.

Em seguida realizou-se a leitura do texto de Benjamin “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica” por parte das educandas. Os conceitos referentes a indústria cultural desenvolvidos pelo filósofo foram interpretados pelas alunas relacionando com as questões abordadas anteriormente permitindo o contato com a obra filosófica.

e) Reconstrução de conceito:

Para uma maior compreensão da perspectiva de Benjamin sobre a Indústria Cultural os conceitos apresentados pelo filósofo em seu texto “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica” a saber: Indústria cultural, reprodutibilidade técnica, autenticidade, valor de culto e valor de exposição e a importância de ser filmado foram apresentados as alunas as quais foram distribuídas em grupos de 4 a 5 alunas. Cada grupo leu um dos conceitos produzindo sua interpretação em forma de síntese, os resultados foram apresentados a turma e posteriormente publicados na página do facebook “filósofos”.

f) Avaliação:

As alunas pesquisaram filmes que apresentassem conteúdos para serem problematizados, o trailer de cada filme, assim como o resumo, produzidos pelas educandas, foram postadas na página “Filósofos” do facebook. Essa atividade objetivou uma análise da compreensão e do despertar do senso crítico por parte das alunas sobre os elementos da indústria cultural, em especial dos filmes, aproximando da perspectiva benjaminiana que aponta a relação entre o conteúdo em que alguns desses elementos abordam com a vida social dos indivíduos.

3.3.3 A receptividade dos educandos aos elementos e conteúdos abordados

Com a apresentação do filme Fahrenheit 451 as alunas se sensibilizaram com a importância do conhecimento e foram instigadas a investigar o período iluminista. Em um primeiro momento, após a apresentação do filme foram levantadas questões sobre o que o filme abordava, a proibição do acesso ao conhecimento e da leitura como forma de coibir a expressão das emoções garantindo uma sociedade sem desequilíbrio. As educandas apresentaram seus questionamentos buscando uma melhor interpretação do filme. Uma questão importante foi abordada por uma das educandas, será possível na atualidade proibir ou censurar o conhecimento? Essa questão elucidou outros questionamentos: o que é informação e o que é conhecimento? Assim, de forma expositiva, explicou-se a diferença entre essas definições e também os problemas das informações falaciosas. Da mesma forma que a enciclopédia promovida por Diderot e D'Alambert a internet democratizou o conhecimento, porém esse veículo de informação, fruto da era tecnológica, pode trazer falsos conteúdos, por isso elucidamos a importância de desenvolver o senso crítico na busca do conhecimento verdadeiro.

A etapa da investigação dos conceitos proporcionou as alunas o contato com o pensamento dos principais filósofos do iluminismo e levou a compreensão de porque estes pensadores lutavam pelas liberdades individuais e pelo acesso ao conhecimento. Foram produzidas sínteses dos pensadores iluministas e pesquisado também suas principais frases tendo como fonte sites da internet. Os trabalhos foram publicados em uma página denominada “filósofos” desenvolvida pelas próprias educandas com uma ferramenta de divulgação do conhecimento filosófico nas novas mídias tecnológicas.

A exibição do filme “O show de Truman” teve o objetivo de sensibilizar para a discussão do tema indústria cultural. O drama cinematográfico trouxe a problematização sobre a influência dos meios de comunicação de máxima, em especial os programas de TV, que em formato de reality show prendem a atenção do público, com a intenção de promover o consumo dos mais variados produtos.

Diversas questões foram abordadas pelas alunas como a real necessidade de consumo de determinados produtos e a qualidade dos programas de TV exibidos. Mas, a análise da vida do personagem que vivia sem saber que sua vida era

programada e assistida trouxe uma aproximação com fatos da vida cotidiana. Questionou-se sobre o uso excessivo das redes sociais, as alunas levantaram as seguintes questões: qual é a nossa liberdade para escolher produtos de consumo? Qual é a influência da mídia em nossas vidas? Esses questionamentos instigaram a investigação do tema indústria cultural.

De forma expositiva foi apresentado o conceito de Adorno e Horkheimer denominado Indústria Cultural e como esse mecanismo influencia o consumo. A partir desse momento uma outra questão foi levantada sobre a qualidade das formas artísticas da indústria do entretenimento. Essa problematização possibilitou a leitura do texto de Benjamin “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica” promovendo a leitura filosófica.

A análise da compreensão do tema Indústria Cultural e de sua relevância ocorreu através de duas atividades com as educandas. A primeira foi desenvolver uma síntese sobre cada conceito abordado por Benjamin em seu texto “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica”, promovida em sala de aula havendo a participação de todas as alunas as quais foram divididas em grupos. A segunda foi elaborada de forma individual, cada educanda pesquisou um filme de seu interesse que possibilitasse uma problematização com questões do cotidiano e de certa forma aproximasse de questões filosóficas. Questões como a importância da família, liberdade, ética entre outras foram abordadas, dessa forma pode-se perceber que os elementos da indústria cultural podem apresentar relações com a realidade social possibilitando as alunas a reflexão filosófica. Os resultados das duas atividades foram publicados na página “filósofos” do facebook.

A página da rede social facebook desenvolvida pelas educandas foi uma importante ferramenta no processo do ensino da filosofia, pois possibilitou a utilização de um produto da tecnologia para a divulgação do pensamento filosófico. Por se tratar de um meio de comunicação de acesso comum a todas as alunas, a página “filósofos”, não só facilitou e instigou o aprendizado, mas também tornou-se um canal de acesso a demais estudantes indo além da instituição escolar.

4 Avaliação da aplicação do projeto

A utilização de elementos da Indústria Cultural nas aulas de filosofia do ensino médio como forma de sensibilização no processo de aprendizagem não é algo novo, visto que a metodologia desenvolvida por Silvio Gallo é conhecida entre os professores de filosofia. Da mesma forma que a Indústria Cultural é apresentada como tema fazendo parte do conteúdo estética dentro das diretrizes curriculares para o ensino de filosofia.

Objetivou-se, contudo, nesse projeto a possibilidade de relacionar conteúdos na perspectiva de desenvolver a capacidade crítica dos educandos. Assim, os filmes apresentados foram abordados nas aulas de filosofia não somente como forma de sensibilizar para o tema, mas em todo o processo desenvolvido. Durante a apresentação dos filmes em determinados momentos foram abordadas questões que auxiliaram na problematização e posteriormente na busca pelos conceitos relacionados.

No primeiro filme “Fahrenheit 451” o enredo se desenvolve em um futuro fictício em que as obras literárias assim como as filosóficas são proibidas por um sistema político autoritário. Vários questionamentos foram levantados pelas próprias educandas e a relação com o desenvolvimento das novas tecnologias na atualidade ficou evidente. As pessoas em geral estão perdendo o contato com o conhecimento, pois gastam seu tempo com as novas tecnologias como as redes sociais, contudo, diferente do filme, nos dias atuais esse processo está ocorrendo por imposição do poder ideológico e não político. Várias questões foram abordadas na problematização decorrente da análise do filme relacionando com problemas da sociedade contemporânea.

O contato com os textos dos filósofos iluministas foi de grande importância para proporcionar aos educandos a possibilidade de perceber a preocupação destes pensadores com a valorização e o acesso do conhecimento. Para uma melhor compreensão dessa importância foi exposto de forma introdutória uma contextualização histórica sobre o período da Idade Média, regimes absolutistas, o movimento renascentista e o iluminismo.

O segundo filme exibido no desenvolvimento deste projeto foi *O show de Truman* com o objetivo de sensibilizar sobre o tema da indústria cultural. O drama cinematográfico relata um reality show em que o personagem principal vive uma vida

fictícia sem ter conhecimento. Objetivando não só apresentar o tema indústria cultural a exibição do filme problematizou sobre os excessos de publicidade e do controle que os meios de comunicação exercem sobre a sociedade. A vida do personagem Truman foi programada desde o seu nascimento com a intenção da divulgação de produtos a serem comercializados, seus amigos e familiares eram atores contratados.

A indústria capitalista objetiva apenas o lucro, sem preocupação com a vida social ou individual das pessoas, a indústria da cultura é o alicerce para a ideologia do consumo. Nesse sentido foi problematizado com as alunas a falsa noção de liberdade e felicidade que a mídia e as novas tecnologias proporcionam. Os bens materiais assim como as mercadorias culturais são desenvolvidas com a finalidade de gerar lucro aos fabricantes, mas através da publicidade desenvolvem uma falsa concepção de liberdade de escolha. No que tange as mercadorias culturais, as próprias educandas perceberam a falta de qualidade naquilo que consomem, como por exemplo as músicas com conteúdos banais.

A interpretação do texto de Benjamin “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica” foi dividida em conceitos, cabendo as alunas interpretá-los e produzir sínteses, o que ocorreu com auxílio na compreensão dos termos filosóficos. Após a leitura dos textos tornou-se mais compreensível a importância da investigação filosófica uma vez que a problematização proporcionou uma aproximação das questões abordadas por parte das educandas.

Com relação às etapas desenvolvidas na metodologia apresentada, a sensibilização ocorreu de forma harmoniosa em que as educandas compreenderam a proposta de exibição dos filmes como forma de contextualizar com problemas reais. Em alguns momentos houve a necessidade de pausar o filme para um diálogo com as alunas na tentativa de uma melhor interpretação, ocorrendo questionamentos sobre alguns aspectos apresentados na obra cinematográfica.

A utilização de filmes nas aulas de filosofia proporciona uma aproximação das questões filosóficas com os problemas vivenciados pelos alunos, contudo a escolha da obra cinematográfica deve ocorrer em relação ao tema abordado, trazendo possíveis questionamentos, da mesma forma isso deve ocorrer com outros elementos da indústria cultural. A partir da exibição dos filmes como sensibilização das questões filosóficas tornou-se possível a problematização, algumas questões foram previamente levantadas, porém um dos objetivos do projeto foi proporcionar as educandas o seu próprio questionamento. Essa etapa do processo foi a mais

produtiva, sendo levantado diversos questionamentos relacionados aos temas abordados, após a exibição do segundo filme “A vida de Truman” pode-se fazer uma comparação com o primeiro filme “Fahrenheit 451” relacionando os temas e a problematização. A utilização dos meios de comunicação e das novas tecnologias podem gerar a semiformação apontada por Adorno? Como buscar o verdadeiro conhecimento e a verdadeira informação nas novas tecnologias? A democratização do acesso à internet trouxe também aquilo que os filósofos iluministas idealizaram, ou seja, a democratização do conhecimento? Essas questões foram levantadas e não se propôs uma resposta definitiva, mas despertou o senso crítico e instigou a investigação filosófica.

Após identificar os problemas despertou-se a necessidade de buscar os conceitos para compreendê-los, assim a filosofia torna-se uma ferramenta para interpretar o mundo, para Adorno “todo conceito filosófico é a cicatriz de um problema mal resolvido” (ADORNO, apud KONDER, 2002, p. 50). Nessa perspectiva a filosofia é o campo de investigação para a análise dos problemas reais, contudo existe uma dificuldade no que tange a leitura dos textos de filosofia, pois a falta de hábito de leitura e a difícil compreensão de termos filosóficos é uma realidade comum entre os educandos do Ensino Médio. O papel do professor é estimular essa leitura, mas não de forma isolada e sim através de um processo constituindo uma metodologia que possa desenvolver-se em um caminho na tarefa de proporcionar o processo do filosofar e do ensinar a filosofia. Nessa perspectiva foram proporcionados diversos debates e análises dos filmes com a finalidade de desenvolver o interesse na pesquisa filosófica. Porém, esse interesse não ocorreu de forma homogênea entre as educandas, contudo o resultado pode ser considerado satisfatório, pois houve o envolvimento de toda a classe nas atividades desenvolvidas.

O objetivo principal do projeto desenvolvido com as educandas da terceira série do ensino médio de formação de docentes, que era responder sobre a possibilidade da utilização de elementos da indústria cultural no processo metodológico apresentado por Silvio Gallo no ensino de filosofia pode ser considerado de alcance satisfatório. Apresentar elementos da indústria cultural como os filmes para o questionamento desse próprio mecanismo proporcionou o desenvolvimento do senso crítico das educandas, houve o questionamento sobre o consumo das mercadorias culturais banais, mas também desenvolveu-se a percepção de que é possível encontrar conteúdo para a reflexão nessas expressões artísticas. Na perspectiva

benjaminiana a reprodutibilidade técnica proporciona a aproximação e a democratização das expressões artísticas do grande público. Nesse sentido também esses elementos da Indústria Cultural, por serem reproduzíveis e pela necessidade de exposição como o cinema, apresentam reflexões sobre os problemas da vida social desse mesmo público.

4.1 Auto avaliação

Como já mencionado anteriormente, o projeto desenvolvido com as alunas da terceira série do curso de formação de docentes – magistério – foi de boa receptividade. Os temas e problemas propostos foram discutidos e compreendidos pela maioria das educandas, e, de certa forma, podemos avaliar que a questão proposta nesse projeto foi respondida. É possível utilizar elementos da indústria cultural nas aulas de filosofia não somente como forma de sensibilização, mas também problematizar e aproximar os alunos com temas filosóficos mais complexos.

Algumas questões, contudo, podem ser propostas como forma de autocrítica, como por exemplo: outros elementos, além do cinema, podem ser utilizados com a mesma proposta? Como abordar ou utilizar esses elementos para que possam obter um resultado semelhante? Seria o cinema pela possibilidade de aproximar o público com as questões sociais, descrita por Benjamin, o melhor elemento da indústria cultural para a metodologia proposta? Quais os métodos para escolher os elementos da indústria cultural para a aplicação da metodologia?

No ensino de filosofia para o Ensino Médio não existem fórmulas nem receitas mágicas que proporcionem êxito total nesse processo, e não é possível prever a receptividade dos alunos e a compreensão dos temas propostos. Há uma diversidade enorme de circunstâncias, de contextos escolares, regionalidades, enfim, o mundo que cada professor encontra numa escola e numa sala de aula é um vasto universo a ser explorado e que, além de propor desafios, nos ensina a pensar formas de ensinar filosofia também.

Contudo, apesar da metodologia utilizada não ser novidade entre os professores de filosofia, a forma como foram abordados os filmes, com pausas frequentes e comentários e problematizações ligadas aos temas filosóficos trouxe uma maior possibilidade de compreensão e interação para os educandos. O cinema pelos seus recursos visuais proporcionou a possibilidade de desenvolver melhor esse

projeto, obviamente que traz ao professor a responsabilidade de escolher o filme que melhor se enquadre com o tema proposto, podendo muitas vezes não atingir o objetivo.

A criação da página do facebook instigou os alunos à investigação filosófica utilizando-se de recursos tecnológicos acessíveis. Contudo, outros canais podem ser criados para essa divulgação, como páginas de web por exemplo. Os alunos como forma de produção final desse projeto escolheram os filmes aleatoriamente desde que houvesse uma problematização ou um contexto social, podemos colocar como um desafio a escolha desses filmes ligados aos temas e problemas da filosofia.

Uma das características da atividade docente de filosofia é a sua dinâmica, a dialética que ocorre durante o seu processo. Nessa proposta podemos perceber que toda atividade quando bem planejada possui uma grande possibilidade de obter sucesso. Contudo, não pretendemos aqui cristalizar um método de ensino de filosofia, pois para uma boa execução serão necessários diversos fatores. Assim a maior importância dessa atividade metodológica para a minha formação docente foi a participação e o diálogo com os educandos na construção do conhecimento.

Alguns conteúdos de filosofia parecem em um primeiro momento difíceis de serem transmitidos aos alunos de ensino médio, porém o que percebemos é a necessidade de uma aproximação como os educandos, uma sensibilização e um diálogo e isto pode ocorrer com a utilização dos elementos da indústria cultural.

ELEMENTOS DE TRANSIÇÃO: DO EXERCÍCIO DE ENSINO FILOSOFIA À REFLEXÃO

1. Por que utilizar elementos da Indústria Cultural nas aulas de filosofia?

Desde o advento do desenvolvimento das técnicas de reprodução, especialmente na passagem da primeira para segunda metade do século XX, cada vez mais as obras de arte têm se transformado em mercadoria⁴ produzidas para atender as demandas do sistema capitalista. Uma das consequências mais notáveis desse processo, para os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, é o fato de que todo e qualquer elemento da Indústria Cultural atende apenas aos interesses comerciais, a geração de lucro e a alienação, proporcionando a semiformação e abrindo mão da qualidade uma vez que não existe autenticidade naquilo que se produz. Nesse contexto, filmes, músicas, fotografias e a própria reprodução da arte clássica são destinadas ao grande público com o único objetivo de entretenimento.

A principal crítica de Adorno e Horkheimer refere-se ao fato da arte ter sido transformada em mercadoria utilizando-se da concepção marxista na qual a mercadoria no sistema capitalista possui dois valores a saber: o valor de uso e o valor de troca. Valor de uso de uma mercadoria refere-se a aquilo para a qual ela é produzida atendendo a uma necessidade humana, contudo, no seu valor de troca a mercadoria adquire o que Marx define como fetiche, o que faz com que o produto possua um valor que vai além de sua necessidade imediata. Esse fetiche da mercadoria pode ser percebido nos elementos da indústria cultural que criam uma necessidade de possuí-los independente da sua necessidade e fomentando o consumo.

Contraopondo a perspectiva pessimista de Adorno e Horkheimer, o filósofo Walter Benjamin percebe algo positivo na reprodutibilidade técnica da arte, apesar da Indústria Cultural visar o lucro atendendo aos interesses do sistema capitalista, suas expressões artísticas podem proporcionar a democratização da arte e o acesso do grande público a certo universo estético. O cinema é um exemplo dessa perspectiva

⁴ Mercadoria: o termo aqui utilizado refere-se ao conceito de Karl Marx apresentado em sua obra “O capital” definindo a produção de bens de consumo que visam saciar as necessidades humanas produzindo lucro aos donos dos meios de produção.

benjaminiana, pois possibilita uma identificação do público com os personagens e com o contexto social exibido. O filósofo percebe nessa expressão artística, apesar de se tratar de uma produção que não escapa às condições características da reprodução técnica, uma ferramenta possível para provocar uma conscientização social. Assim, mesmo que os elementos da indústria da cultura não proporcionem uma experiência estética conceitual, podem proporcionar uma experiência social ao seu público ao desenvolver uma aproximação com a vida cotidiana e criar condições para o desenvolvimento de uma consciência da condição humana.

As expressões artísticas que com o advento das técnicas de reprodução tornaram-se acessíveis ao grande público, criticadas por Adorno por serem destinados apenas ao entretenimento, sendo mercadorias que estimulam apenas o consumo, podem na perspectiva de Benjamin proporcionar uma reflexão sobre questões sociais e filosóficas pertinentes a vida do espectador. A partir da perspectiva benjaminiana sobre os elementos da indústria cultural foi possível desenvolver uma proposta que contemplasse o uso desses elementos nas aulas de filosofia para o ensino médio. O filósofo brasileiro Silvio Gallo desenvolve uma metodologia na qual cria a possibilidade de utilizar filmes, músicas entre outras expressões culturais reproduzidas, nas aulas de filosofia no ensino médio, como forma de sensibilizar os educandos para a reflexão filosófica, assim utilizaremos essa metodologia abordando filmes na proposta aqui apresentada.

2. A Escola de Frankfurt e a Teoria da Indústria cultural

Para compreender o conceito de Indústria Cultural e suas dimensões talvez seja necessário recuperar a sua origem e apontar alguns elementos que caracterizam a trajetória dos intelectuais que construíram uma das escolas mais importantes da filosofia no século XX, a Escola de Frankfurt. A produção de mercadorias culturais é resultado de uma mudança de paradigmas econômicos e sociais e do avanço do capitalismo, frutos da Revolução Industrial do século XVII e o surgimento de novas classes sociais advindas da divisão social do trabalho⁵. Com o aparecimento das indústrias surge uma crescente classe social, o proletariado, que aos poucos ganha

⁵ Divisão do trabalho social: Para Marx a divisão do trabalho social gera as classes sociais e a desigualdade social e ocorre quando o trabalhador deixa de ser dono do produto final de seu esforço, fabricando apenas uma pequena parte da produção gerando a alienação do trabalho e a diferenciação de salário de acordo com a função exercida pelo trabalhador.

poder de consumo, mas se estabelece como uma classe explorada pelos donos dos meios de produção. Não tardou para que as projeções de Marx se fizessem presentes, com a marca de uma discrepância muito grande entre o que essa força de trabalho era capaz de produzir e o poder de consumo que lhe sobrava.

É nesse contexto de mudanças e adversidades sociais que tem origem em 1924 na Alemanha a Escola de Frankfurt constituída por um círculo de filósofos e cientistas sociais de sólida formação marxista, contudo, interessados em propor alternativas para os fracassos das tentativas de implementação do socialismo como sistema de produção. Influenciados não só pelo pensamento de Marx, mas também de Nietzsche, Husserl e da psicologia de Freud, esses intelectuais cunharam a Teoria Crítica da sociedade.

Em seu aspecto geral, a Teoria Crítica está baseada numa interpretação materialista da sociedade industrial e dos fenômenos sociais contemporâneos de caráter marxista, mas que agrega contribuições de outras concepções filosóficas e de várias ciências como a sociologia, a psicologia social e a psicanálise. Seus principais integrantes eram Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Erich Fromm e Jürgen Habermas. Foi, no contexto das reflexões deste grupo que surgiram e começaram a se disseminar as expressões como 'indústria cultural' e 'cultura de massa'.

Esses pesquisadores começaram seus trabalhos no Instituto de Pesquisa Social vinculados à Universidade de Frankfurt, tendo como principal publicação a revista "Estudos de Filosofia e Ciências". Com a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, a Escola de Frankfurt foi transferida para Genebra e para Paris, e, posteriormente, para Nova Iorque devido a questões políticas e, sobretudo, porque a maioria dos pensadores era de origem judaica. Um dos objetivos principais dos filósofos e cientistas sociais ligados à Escola era a análise da superestrutura⁶ da sociedade, entender como os mecanismos de dominação e da manutenção do sistema capitalista produzem a cultura de massa e são alimentados por ela. É nessa perspectiva de entendimento que foi cunhado o conceito indústria cultural.

⁶ Superestrutura: é o fruto de estratégias dos grupos dominantes para a consolidação e perpetuação de seu domínio. Trata-se da estrutura jurídico-política e a estrutura ideológica como o Estado, religião, artes, meios de comunicação entre outros.

2.1 A teoria crítica da sociedade e a indústria cultural

Os intelectuais da escola de Frankfurt eram ligados a diversas áreas do saber como filosofia, sociologia, literatura e artes e buscaram desenvolver uma análise crítica da sociedade. O termo “teoria crítica” foi escolhido pelos pesquisadores sociais em uma tentativa de camuflar a teoria marxista, contudo não somente em Marx a escola de Frankfurt fundou seus alicerces, mas também sofreu influência da filosofia de Nietzsche e da psicologia de Freud, autores que mudaram a forma de interpretar a sociedade.

O termo “Teoria Crítica” se tornou conhecido a partir do artigo de Max Horkheimer, em 1937 “Teoria tradicional e teoria crítica”, escrito no exílio, nos Estados Unidos. O filósofo utiliza essa expressão para designar uma reflexão mais aprofundada da sociedade que levaria em conta os aspectos críticos da realidade: o filosófico, o cultural, o político, o psicológico e não apenas restrita ao aspecto econômico. O autor procurou demonstrar que o pensamento marxista ainda era atual ampliando assim a análise materialista para uma análise política e social.

Horkheimer faz uma distinção entre a teoria tradicional e a crítica e começa o ensaio descrevendo conceitos de teoria tradicional usados desde os primórdios da filosofia moderna.

[...] teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais. Quanto menor for o número dos princípios elevados, em relação às conclusões, tanto mais perfeita será a teoria (HORKHEIMER, 1989, p. 32).

O filósofo, ao criticar a sociologia positivista, escreve que não há como analisar a sociedade partindo dos métodos empíricos sem levar em consideração os processos histórico-sociais. A manifestação do sentido tradicional de teoria confunde-se com suas atividades, seu objeto é a natureza física. O pensamento científico molda a sociedade contemporânea prática e utilitária, mas baseada na tradição. Segundo Horkheimer:

Os progressos técnicos da idade burguesa são inseparáveis deste tipo de funcionamento da ciência. Por outro lado, os fatos tornam-se fecundos para o saber por meio deste tipo de funcionamento, o que tem utilização dentro das relações dadas. Por outro lado, o saber vigente é aplicado aos fatos. Não há dúvidas de que tal elaboração representa um momento de revolução e desenvolvimento constantes da base material desta sociedade (HORKHEIMER, 1989, p. 35).

Na sociedade “moderna” uma ideia transformadora sempre fará nada além de perpetuar uma verdade construída socialmente, e é possível perceber também como uma verdade técnica é socialmente construída sendo simultaneamente reificada em um processo de objetivação. É, porém a partir dessa dialética que segundo Horkheimer se consegue transpor essas teses há muito institucionalizadas.

A divisão do trabalho social molda o mundo contemporâneo gerando a desigualdade social e as diferentes formas de alienação e consumo. Assim para Horkheimer, a *práxis* social é resultado e resultante do trabalho humano. Toda a percepção que temos da realidade social ou daquilo que sentimos são resultantes do processo histórico não sendo natural. O filósofo percebe a necessidade de que seja desenvolvido nos indivíduos o que ele chamará de “comportamento crítico”, a compreensão dialética dos processos históricos, econômicos, políticos e sociais. Escreve Horkheimer:

A separação entre indivíduo e sociedade, em virtude da qual os indivíduos aceitam como naturais as barreiras que são impostas à sua atividade são eliminadas na teoria crítica, na medida em que ela se considera ser o contexto condicionado pela cega atuação conjunta das atividades isoladas, isto é, pela divisão dada do trabalho e pelas diferenças de classe, como função que advém da ação humana e que poderia estar possivelmente subordinada à decisão planejada e a objetivos racionais (HORKHEIMER, 1989, p.44).

A teoria crítica não compreende as condições sociais dos indivíduos como naturais, como se a sociedade estivesse separada destas, mas como resultante da situação socioeconômica oriundos do processo histórico. Na teoria tradicional o objeto de análise é estático, assim é a ação de um cientista que estuda a natureza, na teoria crítica o objeto de sua análise, a sociedade e suas relações, estão em constante mudanças resultantes de uma dialética entre a própria sociedade e os processos sociais.

Segundo Janine Regina Mogendorff em seu artigo “A Escola de Frankfurt e seu legado” o desenvolvimento da teoria crítica sofreu um deslocamento progressivo de tendências, mas é possível de acordo com a autora estipular três períodos a saber:

Primeiro período: (anos iniciais) desenvolve-se uma crítica social de análise política e econômica de influência do materialismo marxista.

Segundo período: (1940-1951) desenvolve-se uma crítica da razão moderna, principalmente a partir da obra de Adorno e Horkheimer “Dialética do esclarecimento”.

Terceiro período: a perspectiva dos estudos volta-se para uma ciência social crítica.

Foi justamente no segundo período que os autores Adorno e Horkheimer cunham o conceito indústria cultural fazendo uma crítica a sociedade moderna que a partir do iluminismo começou a acreditar que o esclarecimento traria autonomia para os indivíduos. Contudo, com a industrialização ocorreu uma nova forma de submissão, a do trabalho assalariado, a indústria cultural é vista pelos autores como um escape para a civilização que perpetua a obediência sob a satisfação de ter seus desejos saciados na aparência do consumo. Morgerdoff escreve que:

Para os frankfurtianos a cultura de mercado fez com que a subjetividade passe a se identificar com a posse de bens; conseqüentemente, a satisfação das necessidades passa a estar muito mais relacionada com o ato da compra, uma vez que é o mercado que vai apontar quais são esses valores culturais que precisam ser “adquiridos” (MORGERDORF, 2012, p. 155).

A indústria cultural como ferramenta do consumo designa quais produtos, inclusive os culturais, devem ser consumidos, mas maquiados através de uma falsa subjetividade proporcionam a impressão de liberdade de escolha. Os pensadores da Escola de Frankfurt ao elaborar uma teoria crítica da sociedade não estabelecem uma análise da comunicação de forma isolada, mas compreendem que a transformação da cultura em mercadoria precisa ser compreendida em um contexto que leve em conta as relações entre as pessoas dentro do sistema capitalista levando em conta a resistência a esse próprio sistema.

3. Walter Benjamin e a Escola de Frankfurt

Walter Benjamin pertenceu à teoria crítica, a corrente de pensamento inspirada em Marx e desenvolvida na Escola de Frankfurt, que além de questionar o poder das classes dominantes e sua estrutura, questionou os fundamentos da racionalidade e da civilização ocidental. Segundo o sociólogo francês Michael Lowy em seu texto “Sete teses sobre Walter Benjamin e a teoria crítica” explica que o filósofo era amigo de Theodor Adorno e Max Horkheimer influenciando em suas obras, principalmente na referenciada “Dialética do esclarecimento” em que é possível perceber muitas de suas ideias mesmo sem citações a sua participação. Benjamin foi atuante da discussão dos principais temas da Escola de Frankfurt, mas distingue-se dela por alguns traços que lhe são particulares, sendo que sua contribuição é específica à teoria crítica.

Exilado em Paris de 1933 a 1940, Benjamin restringiu-se a ser jornalista e ensaísta tendo sua tese “Sobre o drama barroco alemão” reprovada, o filósofo não teve uma vida acadêmica, isto é, nunca conseguiu um cargo em universidades, muitos estudiosos consideram-no um *outsider*, um escritor marginal⁷, talvez esse fato contribuiu para que seus escritos possuísem um olhar subversivo e extremamente crítico. Dentre os pensadores da Escola de Frankfurt, Benjamin foi sem dúvida o mais militante da corrente marxista, criticando a corrente progressista e defendendo o materialismo histórico em sua gênese.

Lowy afirma que Benjamin foi fiel ao pensamento de Marx, acreditou até o último suspiro na revolução das classes oprimidas, apostando em sua politização como salvação de uma humanidade decadente, um freio ao seu curso catastrófico. Seu texto “Teses sobre o conceito de história” publicado em 1940 é de uma universalidade impressionante e, possui uma contribuição ímpar ao fornecer ferramentas para compreender as diversas realidades culturais, os fenômenos históricos, os movimentos sociais em uma diversidade de contextos, períodos e lugares.

No início do texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” publicado em 1936, Walter Benjamin expõe a necessidade de analisar a arte como fruto do desenvolvimento econômico e a influência de como a mudança do modo de produção e o surgimento de uma nova classe econômica influenciaram na produção artística. Benjamin relata a importância da compreensão desse novo paradigma artístico, a arte destinada ao consumo, mas também reflete sobre a possibilidade de esse novo modelo padronizado de arte ser utilizado por um cunho político e fascista. Benjamin faz uma análise ainda mais profunda a respeito da indústria cultural em sua obra “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica” mais especificamente no subtítulo “Estética e guerra” apontando para os perigos a partir da utilização por parte de um regime fascista das técnicas de reprodução, cada vez mais atualizadas, na propaganda de seus ideais.

Deve-se observar aqui, especialmente se pensarmos nas atualidades cinematográficas, cuja significação propagandística não pode ser superestimada, *que a reprodução em massa corresponde de perto à reprodução das massas*. Nos grandes desfiles, nos comícios gigantescos, nos espetáculos esportivos e guerreiros, todos captados pelos aparelhos de filmagem e gravação, a massa vê o seu próprio rosto. Esse processo, cujo

⁷ Escritores outsiders – escritores que se distinguem dos demais por não seguirem normas da sociedade ou de uma cultura imposta, possuindo características peculiares estando assim a margem da cultura tradicional.

alcance é inútil enfatizar, está estreita mente ligado ao desenvolvimento das técnicas de reprodução e registro. De modo geral, o aparelho apreende os movimentos de massas mais claramente que o olho humano. Multidões de milhares de pessoas podem ser captadas mais exatamente numa perspectiva a voo de pássaro. E, ainda que essa perspectiva seja tão acessível ao olhar quanto à objetiva, a imagem que se oferece ao olhar não pode ser ampliada, como a que se oferece ao aparelho. Isso significa que os movimentos de massa e em primeira instância a guerra constituem uma forma do comportamento humano especialmente adaptada ao aparelho. *As massas têm o direito de exigir a mudança das relações de propriedade; o Fascismo permite que elas se expressem conservando, ao mesmo tempo, essas relações.* Ele desemboca, conseqüentemente, na estetização da vida política. (BENJAMIN, 1985, p. 194)

O que Benjamin alerta é que a crescente proletarização do homem contemporâneo ocorre na mesma proporção que a massificação da cultura em um mesmo processo. São nos produtos da indústria cultural e na identificação com os mesmos que as massas pensam perceber a sua natureza, mas não percebem a supressão de seus direitos, eis o fascínio pelo fascismo, indiferente, ambigüamente camuflado de diferença. A filósofa americana Susan Buck-Morss em seu artigo “Estética e Anestésica: o ensaio sobre a obra de arte” explica que Benjamin refere-se à alienação da vida sensorial se encontra na origem da estetização da vida política, a qual o fascismo não cria, apenas manipula a partir do desejo do indivíduo de ver a sua própria destruição, como exemplo temos os filmes de guerra que proporcionam um espetáculo televisivo.

Na perspectiva benjaminiana haveria somente uma resposta para o problema da estetização da vida política, nas palavras de Buck-Morss:

A resposta comunista a esta crise é “politização da arte”, implicando em – quê? Benjamin deve certamente querer dizer mais do que simplesmente fazer-se da cultura um veículo de propaganda comunista. Está pedindo a arte uma tarefa muito mais difícil - qual seja, desfazer a alienação do aparelho sensorial do corpo, *restaurar o poder instintual dos sentidos corporais humanos em nome da autopreservação da humanidade*, e isto, não através do rechaço às novas tecnologias, mas pela passagem por elas. (BUCK-MORSS, 1996, p. 12).

Cabe a arte, segundo Benjamin a tarefa de emancipar a partir da sua própria democratização restaurando o poder de sensibilidade do ser humano, é nessa perspectiva que a indústria cultural se torna uma ferramenta indispensável no mundo moderno industrial. Benjamin não pretende transformar a arte ou a cultura em ferramenta política-ideológica, mas restaurar o seu valor intrínseco, ou seja, o poder de sensibilização.

O sistema capitalista na perspectiva materialista não pode ser resumido apenas ao trabalho assalariado e a produção de mercadorias, ele precisa ser pensado como algo mais complexo e mais presente na nossa cultura e da sociedade e não como uma forma ou sistema de produção. Além das questões de ordem econômica e industrial, trata-se de um sistema que se sustenta em uma ideologia que prega o consumo como satisfação e como forma de mascarar os seus antagonismos sociais. Segundo Rodrigo Duarte, em sua obra “Teoria Crítica da Indústria Cultural”, o vácuo deixado pelas crenças religiosas após o iluminismo, que pregava ao mundo a possibilidade dos seres humanos serem governados pela razão, foi preenchido pelo advento da massificação da cultura em forma de produções artísticas reproduzidas e transmitidas a grande massa com a finalidade de torná-la dócil. Ainda de acordo com Duarte, “não se trata de cultura feita pela massa para seu próprio consumo, mas de um ramo de atividade econômica, industrialmente organizado nos padrões dos grandes conglomerados típicos da fase monopolista do capitalismo”. (DUARTE, 2003, p.50).

Por outro lado, Benjamin destaca a importância da análise sobre a nova forma de arte revolucionária, a arte emancipada de seu ritual, como uma representação social que desmistifica a arte considerada pura ou superior. A obra de arte reproduzida é produzida para esse fim, nesse contexto o filósofo destaca a importância de compreender como essas novas expressões artísticas de vanguarda influenciam na vida social dos indivíduos.

Para a filósofa americana Susan Buck-Morss, “A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica”, de Benjamin, é uma afirmação da democratização das novas formas de arte, especialmente o cinema. No encerramento do “International Walter Benjamin Congress”, em Amsterdã de 24 a 26 de julho de 1997 em entrevista Buck-Morss afirma que Benjamin, defendia os conteúdos emancipatórios do cinema, pois eles poderiam trazer às massas uma sensibilidade diferente, revolucionária, reordenando os elementos postos em um dado momento histórico, dando a eles uma nova configuração. O cinema seria esse grande elemento de vanguarda, pois “não há nada intrínseco ao cinema que o torne politicamente impotente. Pelo contrário, o cinema é fonte de técnicas de justaposição e tradução...” (BUCK-MOORS, 1967, p. 67). O cinema para Benjamin é a expressão da vida social do indivíduo contemporâneo em uma espécie de tradução dos seus problemas sociais e de sua vida cultural.

PARTE II: REFLEXÕES SOBRE OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA INDÚSTRIA CULTURAL EM ADORNO, HORKHEIMER E BENJAMIN

1. Adorno, Horkheimer e o conceito de Indústria Cultural

O avanço do capitalismo e da industrialização trouxe diversas mudanças na vida social dos indivíduos, dentre elas a produção em série e a massificação da cultura e da arte, daquilo que passa a ser denominada Indústria Cultural. Esse conceito foi desenvolvido pelos filósofos alemães da escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer em sua obra “Dialética do Esclarecimento” para designar a produção em grande escala de representações artísticas, identificadas como entretenimento, como a música, o cinema, a fotografia entre outras, que almejam influenciar o consumo, e de algum modo à alienação política e o empobrecimento cultural e artístico.

A partir da modernidade e do desenvolvimento do sistema capitalista a arte ganhou uma característica nova, a sua reprodutibilidade técnica. As invenções das técnicas de reprodução fomentaram o surgimento da Indústria Cultural fazendo com que a obra de arte e o artista perdessem a sua autenticidade, tornando as produções artísticas reproduzidas e vendidas ao grande público. Para Theodor Adorno e Max Horkheimer, o artista dessa indústria perde sua autenticidade, seu caráter criativo e também a falta de liberdade para criar, deixa de ser artista e passa a ser uma espécie de funcionário da indústria. Por isso a obra de arte na contemporaneidade é uma mercadoria, pois é encomendada e criada para agradar a um determinado público. O problema de a arte ter se tornado mercadoria remete ao fato de que *a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança*. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.113). Os filósofos concebem a existência da Indústria Cultural em uma perspectiva que além da desvalorização artística promove uma falsa concepção de liberdade.

No universo estético concebe-se a arte como a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular esse interesse de consciência em um ou mais espectadores, e cada obra de arte possui um significado único e diferente. Para os filósofos alemães a arte transforma-se em mercadoria quando torna-se possível de ser reproduzida, ou é produzida com a finalidade de ser descartável, tornando-se consumível, sendo desejada para saciar momentaneamente as necessidades de

consumo, de entretenimento. A arte perde seu valor de originalidade, de autenticidade, sendo comercializada em favor de uma indústria que detém as técnicas de reprodução. Essas técnicas podem ser usadas tanto para reproduzir uma obra original, como pinturas clássicas, ou esculturas, como no desenvolvimento de novas expressões artísticas criadas para atender um público que busca distração. Mais do que entretenimento, a Indústria Cultural invade a vida privada das pessoas de forma violenta, atinge até os indivíduos mais “distraídos”, obrigando-lhes a consumir. Os produtos decorrentes da Indústria Cultural confundem o indivíduo da diferença entre trabalho e lazer, pois apresentam-se em sua vida de tal forma que o tornam alheio a qualquer diferenciação.

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza que até mesmo os mais distraídos irão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início não dá folga a ninguém, tanto no trabalho, quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. (ADORNO, 1985, p.119).

É importante salientar que a Indústria Cultural não ocorre de forma desordenada e aleatória, nem tão pouco de maneira isolada. “Inevitavelmente, cada manifestação da Indústria Cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo.” (Ibid. p.119). Transmite, porém, aos seus consumidores a falsa ideia de exclusividade, de que estão consumindo algo inteiramente inovador. Assim, as mais variadas expressões artísticas foram incorporadas à lógica do sistema capitalista, sendo produzidas em grande escala, mas apenas com um objetivo, gerar lucro as grandes corporações. Outrora, transmitem tanto uma identidade do particular quanto do universal, e ideologicamente englobam os consumidores, dando-lhes a impressão de poderem fazer parte desta lógica, não apenas como consumidores.

Com o desenvolvimento das técnicas de reprodução a arte ganha não só um aspecto quantitativo, podendo ser reproduzida em série, mas o seu valor de exposição torna-se necessário para que ela fomente a Indústria Cultural e contribua para a ideologia capitalista. É nessa perspectiva que surgem os meios de comunicação de massa exercendo papel importante ao padronizar as expressões culturais, tornando os indivíduos passivos e sem qualquer espírito crítico. Assim, para Adorno e Horkheimer, toda a produção da Indústria Cultural é descartável, desenvolvendo uma dialética negativa, ou seja, a cada produto novo desse mercado, a qualidade diminui.

O desenvolvimento da técnica a partir da Primeira Guerra produziu a destruição da possibilidade da experiência sentido na incapacidade de produzir narrativas. Adorno relaciona a perda da experiência no mundo moderno com a questão da formação atribuindo ao empobrecimento da linguagem e da expressão. A crise da formação no mundo moderno está relacionada à crise da experiência estética. É possível perceber esse fenômeno com o aparecimento da música de entretenimento, por exemplo, que segundo Adorno, traz a regressão da audição. O fetichismo da música enaltece o sucesso desenvolvendo para esta um novo conceito ligado à produção para o consumo. A música de entretenimento vem para preencher os vazios e silêncios que se instauram em pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências. Esse produto oriundo da industrialização da cultura cria dependência empobrece a experiência e impossibilita uma consciência social. Não possibilita a emancipação, pois é semiformação.

Em sua obra *Educação e Emancipação*, Adorno aponta à possibilidade da educação através das escolas, ocorrer com o objetivo de emancipar o indivíduo, torná-lo crítico e um ser pensante. Só assim é possível evitar a *barbárie*, entendida aqui como a miséria, a violência, a desigualdade social e os preconceitos contra as minorias, que ainda ocorre nas sociedades contemporâneas. Adorno definiu *barbárie* como a falta de civilização que, apesar de todos os avanços tecnológicos, está presente nas sociedades. A *barbárie* para Adorno pode ser caracterizada como o impulso primitivo de destruição demonstrada em alguns seres humanos e sociedades e que incentivada através do consumo desordenado.

Entendo por *barbárie* algo simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. (ADORNO, 1995, p.155).

Adorno pretende evitar a *barbárie* ocorrida com a ascensão dos regimes totalitários, para isso desenvolve a perspectiva da emancipação através da educação pautada em uma experiência formativa que implica na construção de um processo reflexivo, a experiência dialética centrada no elemento da contradição. A educação moderna objetiva a disciplina, conformismo, consumo, desenvolve a semiformação.

Em sua obra com Horkheimer “Dialética do Esclarecimento” o filósofo esclarece que a razão iluminista que visava esclarecer o mundo deu lugar a uma razão instrumental com base no planejamento e na eficiência de resultados, um mundo ordenado e tecnológico, mas empobrecido na formação.

1.1 O conceito de Indústria Cultural

O conceito de Indústria Cultural foi desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer na obra “Dialética do Esclarecimento”, de 1944, a fim de definir as expressões artísticas produzidas a partir da reprodução técnica. Segundo esses pensadores a finalidade da Indústria Cultural é produzir entretenimento ao grande público tornando-os consumidores passíveis e alienados socialmente, pois a classe trabalhadora suprimida pelo sistema explorador torna-se, assim seu maior defensor.

De facto, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.57).

A arte na contemporaneidade perdeu a sua identidade e tornou-se mercadoria sendo posta à venda e muitas vezes usada ideologicamente. A ideia de que a arte é “qualquer coisa” confunde-se muitas vezes com a ideia também equivocada de cultura. Mas segundo o filósofo alemão Theodor W. Adorno o problema de a arte ter se tornado mercadoria é o fato de que “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança”. (Adorno, 1985, p.113). As críticas ácidas de Adorno referente a algumas expressões da arte contemporânea remetem ao fato do filósofo alemão, por questões políticas, ter partido para o exílio nos Estados Unidos na década de 1930, onde viu a eclosão da indústria de massa vinculada a ideia de liberdade⁸.

O filósofo francês contemporâneo Felix Guattari define três concepções de cultura, cultura valor, cultura identidade de um grupo social e cultura mercadoria. A

⁸ Liberdade: o termo aqui refere-se as liberdades individuais defendidas pelos ideais iluministas que promoveram a independência americana e a Revolução Francesa.

cultura valor refere-se a determinados conhecimentos científicos, estéticos, éticos e artísticos considerados legítimos pela sociedade. A cultura identidade refere-se a aquilo que identifica um grupo social como hábitos, costumes e religião. A cultura mercadoria está relacionada aos produtos e elementos da indústria cultural.

Para os filósofos alemães a arte transforma-se em mercadoria quando torna-se possível de ser reproduzida, ou é produzida com a finalidade de ser descartável, tornando-se consumível, sendo desejada para saciar momentaneamente as necessidades de consumo. A arte perde seu valor de originalidade, de autenticidade, podendo ser reproduzida e comercializada em favor de uma indústria que detém as técnicas de reprodução. Adorno define os termos filosóficos como a cicatriz de problemas mal resolvidos, nessa perspectiva Konder refere-se à Indústria Cultural não só como um problema contemporâneo, mas como um dos alicerces do sistema capitalista. Sendo crucial não apenas como um veículo pelo qual os capitalistas geram lucro, mas também utilizada de forma ideológica, criando um comportamento passível e avesso ao questionamento no indivíduo consumidor. Em sua obra *A questão da ideologia*, Leandro Konder comenta referindo-se a Adorno e Horkheimer sobre a função da Indústria Cultural.

A Indústria Cultural é o conceito mais famoso dos dois pensadores clássicos do Instituto de pesquisa Social. Pioneiramente, eles denunciaram o funcionamento dos meios de comunicação de massa e a indústria do entretenimento como um sistema que não só assegurou a sobrevivência do capitalismo como continua exercendo função essencial em sua preservação, reprodução e renovação. (KONDER, 2002, p.82).

Com o desenvolvimento das técnicas de reprodução a arte ganha não só um aspecto quantitativo, podendo ser reproduzida em série, mas a necessidade de sua exposição torna-se necessário para que ela fomente a Indústria Cultural e contribua para a ideologia capitalista. É nessa perspectiva que surgem os meios de comunicação de massa exercendo papel importante ao padronizar as expressões culturais, tornando os indivíduos passivos e sem qualquer espírito crítico.

A produção cultural em escala notavelmente ampliada exigiu colossais investimentos e rendeu lucros gigantescos. Para viabilizar-se, contudo, ela precisava de certa padronização, de certa limitação imposta à diversidade das expressões culturais: por isso, investiu também na formação de um vasto público consumidor de comportamento passivo e, tanto quanto possível, desprovido de espírito crítico. (KONDER, 2002, p.82).

O consumo desenfreado e inconsciente traz ao indivíduo uma falsa impressão de liberdade, pois esta é um dos alicerces do sistema capitalista. No entanto no que nos diz respeito à arte, parece haver uma necessidade do indivíduo de fazer parte de um todo, por isso a Indústria Cultural padroniza a arte, torna ela semelhante, em detrimento a uma lógica de mercado monopolizadora. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massa é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, quanto mais seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa ao público. O cinema e a rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar aquilo que propositalmente produzem. A crítica de Adorno aos meios de comunicação fica evidente em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, assim escreve o filósofo: “Eles se definem propositalmente como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos” (ADORNO, 1985, p.114).

O gosto torna-se padronizado, criado e reformado a partir das tendências de mercado. O que em um tempo pode ser considerado consumível como entretenimento deixa de ser na mesma velocidade que outras tendências artísticas entram em vigor. Isso ocorre graças à lógica do consumo, a Indústria Cultural é a única tendência que se mantém disfarçada em uma pseudoliberalidade de escolha. A falsa liberdade de escolha⁹ dentro daquilo que é produzido nas linhas de produção artísticas cria estilos, tendências, pois “a Indústria Cultural, o mais inflexível dos estilos, revela-se justamente como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo. ” (ADORNO, 1985, p.123).

Como tudo aquilo que ao se fazer necessário permanece, a Indústria Cultural tornou-se necessária na vida das pessoas como um refúgio ao tormento da vida moderna. O indivíduo busca naquilo que ele considera arte, uma espécie de *catarse*, remetendo aqui à tragédia grega, uma maneira dele enquanto indivíduo, purgar suas frustrações. Infelizmente essa *catarse* não ocorre como prometido, e o sujeito através do consumo da mercadoria advinda da Indústria Cultural, perde a sua autonomia, tornando-se complacente. As expressões artísticas tornam-se entretenimento para uma vida vazia e sem sentido.

⁹ Para Marx o sistema capitalista cria uma falsa liberdade de escolha de mercadorias, uma vez que os indivíduos são induzidos a consumir determinados produtos com a punição de ficarem de fora do contexto social.

Para disputar um espaço sempre maior no mercado, os produtos são naturalmente levados a cultivar a preguiça e o comodismo dos consumidores, desencorajando-lhes de quaisquer esforços de inquietação consequente ou questionamento ousado. Leandro Konder, em sua obra *A Questão da Ideologia* denuncia que “desenvolve-se uma produção que, no conjunto, evita estimular a reflexão de seus destinatários, produzindo-lhes na sensibilidade impactos anestesiadores e atrofiando-lhes a imaginação.” (KONDER, 2002, p. 82). Mais do que entretenimento, a Indústria Cultural invade a vida privada das pessoas de forma violenta, atinge até os indivíduos mais “distraídos”, obrigando-lhes a consumir. Os produtos decorrentes da Indústria Cultural confundem a diferença por parte do indivíduo entre trabalho e lazer, pois se apresentam em sua vida de tal forma que o tornam alheio a qualquer diferenciação.

É importante salientar que a Indústria Cultural não ocorre de forma desordenada e aleatória, nem tão pouco de maneira isolada. Os filósofos frankfurtianos comentam que “inevitavelmente, cada manifestação da Indústria Cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo”. (ADORNO, 1985 p.119). Transmite, porém, aos seus consumidores a falsa ideia de exclusividade, de que estão consumindo algo inteiramente inovador. Assim, as mais variadas expressões artísticas foram incorporadas à lógica do sistema capitalista, sendo produzidas em grande escala, mas apenas com um objetivo, gerar lucro as grandes corporações. Outrora, transmitem tanto uma identidade do particular quanto do universal, e ideologicamente englobam os consumidores, dando-lhes a impressão de poderem fazer parte desta lógica, não apenas como consumidores.

A Indústria Cultural cria e recria espaços para absorver o indivíduo, seus desejos suas frustrações, seus sonhos, criando nele a necessidade de estar enquadrado em um todo. Assim ao mesmo tempo em que o indivíduo se sente livre e diferente, devido a possibilidade de escolha do seu próprio estilo, ocorre a necessidade de fazer parte de um sistema, de não estar a margem desse sistema.

Os estudos de Adorno e Horkheimer sobre a industrialização da cultura são de meados do século XX quando ocorre a consolidação da sociedade capitalista, contudo na atualidade ocorreu outras transformações em que a rádio e TV veículos de comunicação de massa estão perdendo espaço para novas mídias como a internet. Em uma análise mais direcionada à relação entre a Indústria Cultural e a educação, Antônio Álvaro Soares Zuin, educador brasileiro, em sua obra “Indústria Cultural e

Educação: o novo canto da sereia”, reflete sobre os novos avanços tecnológicos que de uma forma ilusória parecem trazer a democratização da informação. Uma certa conquista da subjetividade aparente norteia uma falsa aparência de felicidade vinculada a possibilidade de consumir, de individualidade que parece sepultar o conceito de Indústria Cultural. Para Zuin, nas palavras de Adorno, o que ocorre é a reconciliação forçada, uma espécie de fusão entre a informação e o entretenimento. A essência da Indústria Cultural permanece atual promovendo os mecanismos psicológicos determinados pelas relações sociais que determinam a consolidação de uma educação danificada.

A massificação das mercadorias culturais gera uma alienação ideológica e um fascínio pelo consumo tornando os indivíduos passíveis e iguais propícios ao fascismo. Zuin faz uma profunda análise à obra *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer para demonstrar que a Indústria Cultural promove a *barbárie*, a despolitização e a alienação social que podem gerar regimes autoritários. Assim na educação atual precária ausenta-se o senso crítico e a construção da cidadania. A emancipação do indivíduo através da educação proposta por Adorno torna-se cada vez mais inatingível visto que o direito de escolha por consumir bens materiais e artísticos apresenta-se como um objetivo mais importante. O direito de escolher consumir e divertir-se, promovido pelo fetichismo supera a necessidade de ser esclarecido e independente. A educação para as massas é uma educação para a alienação social e política.

1.2. Princípio de identidade, arte moderna e experiência estética

Pedro Hussak, em seu artigo “Arte, experiência e não identidade em Theodor Adorno”, analisa a obra do filósofo “Dialética Negativa” e o princípio de identidade. Nessa perspectiva o próprio pensamento já foi concebido como processo de identificação que apaga as diferenças e singularidades, deixando de fora tudo que não se encaixa no conceito. Assim o princípio de identidade apaga as diferenças originárias de uma necessidade de igualdade entre as massas. O mundo industrial e administrativo modela os indivíduos a perceber a vida com certo grau de estabilidade criando uma hostilidade contra a experiência estética, o sujeito busca uma identidade enquadrando-se no mundo administrativo, que constrói nele uma falsa subjetividade com um único objetivo, a adaptação ao consumo.

A dialética negativa aberta e sem síntese, com base na contradição e na reflexão crítica se opõe a coação e a identidade, pensar o outro é pensar o conceito para além do conceito garantindo ao pensamento o seu caráter de não identidade. Adorno estabelece o pensamento filosófico com bases em políticas antiautoritárias, crítica ao controle, crítica à padronização e a produção em massa, criar uma relação entre arte e estética como formação filosófica. Adorno percebe na arte moderna uma possibilidade de criação de uma nova sensibilidade produzindo condições para a experiência e se opõe a mercadoria.

Em 1939, Adorno escreve *Teoria Estética* buscando uma definição para a obra de arte, mas não de caráter universal e histórico, assim o autor analisa a arte que lhe é contemporânea, o modernismo artístico. Nessa concepção o filósofo entende que a arte moderna possibilita a experiência estética na medida em que não está engajada, como queria Lukacs, a distância da obra em relação ao espectador garantiria a sua autonomia. A obra de arte possui uma existência empírica, mas pela autonomia de sua forma nega esse mesmo social, encarnando as tensões não resolvidas da sociedade. Não é o conteúdo político que torna a obra de arte engajada, mas ao contrário a obra de arte segue a tendência política correta quando segue a tendência artística correta. O princípio da obra de arte seria, portanto, sua autonomia, a sua distância em relação à realidade, a autonomia da arte proporciona ao sujeito uma experiência para além do mundo racionalizado e produtivo, proporciona uma contemplação desinteressada. A ausência de finalidade da obra de arte moderna faz uma ruptura com a mercadoria do mundo produtivo, busca uma identidade onde não há identificação.

Nessa perspectiva Adorno trabalha com a oposição entre arte do passado e arte moderna, apesar de utilizar conceitos artísticos do passado o filósofo faz uma torção e uma inversão desses conceitos para aplicá-los a arte moderna. A autonomia é um conceito burguês utilizado pelo filósofo para criticar a própria sociedade burguesa e sua estrutura, a arte autônoma deixa de ser de ser um descanso das pressões do cotidiano, como a Indústria Cultural, o entretenimento, para ser uma crítica ao mundo instrumentalizado. A arte só pode ter uma posição crítica em relação à realidade se adotar um distanciamento em relação a esta. Uma relação da arte com a vida seria uma aceitação e um conformismo com o estado das coisas, assim o filósofo está interessado nas tendências estéticas que se opõe ao mundo industrializado e tecnológico.

O que diferenciaria a arte contemporânea da Indústria Cultural seria o seu princípio, a sua autonomia. Contudo, qualquer movimento artístico pode ser absorvido pela indústria da cultura, pois nada mais choca e a arte moderna não oferece perigo exceto a sua própria autenticidade. A exaltação de Adorno ao modernismo artístico encontra-se no conflito que ela pode proporcionar como uma violência contemplativa contra a violência do mundo administrativo, o sofrimento contra a satisfação do consumo, a não identidade contra o conformismo.

Assim, para Adorno uma experiência estética autêntica entre o sujeito e a obra de arte, não pode ser uma projeção daquele que procura identidade, como proporciona os produtos da Indústria Cultural. O enfraquecimento do eu é o processo em que o indivíduo é absorvido, sem refletir, pelos mecanismos da Indústria Cultural, identificando-se com ela, mas perdendo sua própria identidade. Contudo, a experiência estética da arte moderna pode conceber ao indivíduo a possibilidade de perceber os antagonismos não resolvidos da sociedade moderna, pois a objetividade da obra de arte constitui uma verdade constituída historicamente, assim, aquele que a contempla se distancia, mas experimenta sua verdade.

Adorno concebe uma perspectiva de educação estética proporcionada através de uma experiência estética com a arte moderna, na qual pelo fato de não ser engajada politicamente e não demonstrar de forma explícita a realidade social, poderia possibilitar ao indivíduo uma forma autêntica de perceber os antagonismos da vida industrial contemporânea. Porém, é conveniente ressaltar que o próprio autor explicita que os mecanismos da indústria cultural e a sociedade do consumo, ao manter o sujeito conformado, desenvolvem nele uma hostilidade com a experiência verdadeiramente estética.

Segundo Adorno, em sua obra “Teoria estética”, a emancipação da arte da tutelada da Igreja não se realizou por conta do surgimento do mercado cultural, alterou apenas o seu controle. Se por um lado surgiram vanguardas artísticas, por outro lado com a industrialização das cidades e com o inchaço de pessoas advindas das regiões rurais, sem o mínimo preparo intelectual para apreciar arte complexa, nem recursos para consumi-la, dificultou a expansão artística.

A autonomia da arte está vinculada a sua própria heteronomia, este conceito do filósofo expressa a relação entre arte e sociedade “arte é antítese social da sociedade, impossível de ser imediatamente dela deduzida”. (ADORNO apud. Duarte, 2010, p.225). A partir dessa concepção de ambiguidade da arte Adorno estabelece a

importância do solipsismo artístico para evitar a falsa reconciliação da arte com a sociedade seja por motivos políticos ou religiosos, nesse sentido ficaria prejudicado a sua autonomia. Se na modernidade essa autonomia esteve ligada à concepção kantiana de “finalidade sem fim”, Adorno propõe um movimento dialético entre o prazer desinteressado e a heteronomia da arte.

A discussão sobre a presença de interesse na apreensão dos objetos estéticos remete a crítica do pensador à Indústria Cultural, tendo em vista que através dos meios de comunicação de massa, a obra de arte perdeu seu lugar para os produtos fabris, assim Adorno diferencia a arte das mercadorias culturais. Enquanto estas são produzidas com a finalidade de suprir necessidades imediatas de entretenimento das massas, visando lucratividade e manipulação, as obras de arte são a expressão qualificada, materializada em sons, palavras, formas, cores e movimento, de anseios e aspirações coletivos, expondo sua dialética entre autonomia e heteronomia.

Duarte explica que o fato de uma obra de arte considerada autêntica ser vendida não a transforma em mercadoria cultural visto que seu propósito inicial não era esse. Ao contrário as mercadorias culturais são produzidas com a finalidade de ser comercializadas, consumidas, a dialética da obra de arte desaparece, prevalecendo apenas a heteronomia. Os produtos da indústria cultural são oferecidos no âmbito do fetiche. Adorno apropria-se do conceito marxista de fetichismo da mercadoria para enquadrá-lo na Indústria Cultural, o valor de uso da obra de arte transforma-se em valor de troca, isto é, o preço que se paga para shows e espetáculos pelos consumidores das mercadorias culturais, o apreciador transformou-se em consumidor e o que ele busca é o prestígio, a informação e não mais o conhecimento. A autonomia da arte provoca indignação nas massas consumidoras que se deslumbram pelo fetichismo da mercadoria cultural.

O conceito de estilo da arte moderna também é analisado na “Teoria Estética”, onde observamos que para Adorno o estilo não é um enquadramento na qual as expressões artísticas devem ser encaixadas como na indústria cultural, mas uma dialética entre a subjetividade criadora e o objeto. Ele associa essa dialética ao caráter da linguagem.

No conceito de belo natural Adorno estabelece uma relação entre arte e natureza como uma espécie de objetividade alternativa, contrária à objetividade científica destrutiva do mundo natural. Kant foi o primeiro pensador a utilizar o conceito de belo natural ao se referir como a manifestação de ausência de interesse e

necessidade do juízo do gosto. Adorno ressalta que a partir da reflexão histórica iniciada por Kant, começou o processo de recalque, a valorização de tudo que é feito pela mão do homem em oposição à beleza natural. Contudo, Kant conservou vivo o privilégio do belo natural, Hegel por sua vez defendia a superioridade do belo artístico, por expressar subjetividade, ao belo natural. Esse conceito se apresenta como uma alegoria, uma experiência mimética, consiste em um contato com a natureza na representação de um objeto que possui expressão, mesmo que dependa da interpretação do sujeito, um entrelaçamento entre natureza e história. Essa relação estética com a natureza possui caráter epistemológico diferente da apropriação da natureza pela tecnologia, na destruição do mundo físico ameaçando a própria existência humana.

A filosofia torna-se uma ferramenta indispensável para compreender a complexidade da arte contemporânea, graças à suspensão do imediatismo característico da arte convencional, levando a Adorno a designar para este tipo de arte o caráter de “enigma”. A possibilidade de uma reconciliação do homem com a natureza no universo estético é designada por Adorno como uma perspectiva e não como uma promessa. Pois segundo o filósofo *a arte é promessa de felicidade, a qual é quebrada* (ADORNO, apud. DUARTE, 2010, p. 242).

2. Benjamin e a reprodução da obra de arte

Karl Marx previu o desenvolvimento do capitalismo e suas consequências, o desenvolvimento da mercadoria, a exploração do proletariado pelos sistemas de produção e a sedução para o consumo, ou seja, o consumo além da necessidade. O que Marx previu, porém, dentro do contexto de sua filosofia dialética, foi a superação do capitalismo pela revolução do próprio proletariado como antítese de um sistema que visa somente a exploração e o lucro. Ele previu também que o capitalismo não só ruiria, mas que antes disso tornar-se-ia tão devastador que estaria presente em todas as esferas da vida humana. Nessa última hipótese podemos afirmar que o pensador alemão estava correto. Não nos cabe aqui prescrever ou supor o que ele mesmo conceituou como o fim da história, o fim do capitalismo e da luta de classes, porém se faz necessário ressaltar a influência que o sistema capitalista tem nas diversas áreas da vida humana, na sua formação cultural. O sistema capitalista não só está presente

em todas as esferas da vida humana como também regra estas esferas, tornando-as sistematicamente subordinadas à economia. Assim como as outras esferas da vida humana, a cultura, e em específico a arte tornaram-se, graças ao avanço do modo de vida capitalista, subordinadas e alienadas à economia.

Segundo Walter Benjamin, filósofo alemão da escola de Frankfurt, crítico do sistema capitalista e que sofreu forte influência do pensamento marxista, as produções culturais tornaram-se mercadorias pelo fato de serem reproduzidas. Porém segundo Benjamin, uma das características da obra de arte é a possibilidade de ela ser imitada. “Em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens.” (BENJAMIN, 1985, p. 166). A reprodução de obras de arte, segundo Benjamin, não constitui nenhuma novidade, a arte durante sua história sempre foi objeto suscetível de reprodução justificada a diversos fins. O que há de novo, com o advento do capitalismo para Benjamin, seria sem dúvida a técnica de reprodução, ou a dinâmica no desenvolvimento dessas técnicas. O artista perdeu a sua importância, deixou de ser necessário, uma vez que a arte e a sua técnica podem ser reproduzidas. Um exemplo desse processo ocorreu com o desenvolvimento da fotografia. “Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes” (BENJAMIN, 1985, p.167). A fotografia substituiu de forma hegemônica o autorretrato, mas substituiu também toda a subjetividade artística, podendo ser reproduzida objetivamente sem restrições.

Por outro lado, a arte deixa para trás o aspecto elitista e tradicional, deixando de ser privilégio de apenas algumas pessoas ao tornar-se reproduzida para atingir o grande público. Para Benjamin, as novas técnicas de reprodução da arte poderiam, em última análise, promover a democratização no campo das artes. Assim, apesar dos aspectos negativos que carregam a reproduzibilidade da arte, o fato dela perder a sua autonomia, a sua originalidade, é possível também encontrar alguns aspectos positivos como o acesso que o público em geral pode ter com esse processo.

A obra de arte, segundo Benjamin possui duas características que se opõem sistematicamente, a sua sacralização e a sua exibição. Em sua origem a obra de arte sempre esteve ligada ao culto, sendo criada como objeto de sacralização, na antiguidade a presença das obras de arte como imagens dedicadas ao culto possuía mais valor do que a sua simples exibição.

Todavia a emancipação da obra de arte do seu uso ritual ocorre na medida em que aumenta a possibilidade de ela ser exposta e visível por um maior número de pessoas. O seu valor de exposição aumenta proporcionalmente na medida em que o seu valor de culto diminui. O aprimoramento das técnicas de produção da obra de arte contribuiu consideravelmente para que esse fenômeno se ampliasse. No entanto houve uma mudança na perspectiva de valor da obra de arte, comprometendo a sua natureza.

As diversas técnicas de reprodução reforçaram esse aspecto em tais proporções que, mediante um fenômeno análogo ao produzido nas origens, o deslocamento quantitativo entre as duas formas de valor, típicas da obra de arte, transformou-se numa modificação qualitativa, que afeta a sua própria natureza. Originalmente, a preponderância absoluta do valor de culto fez – antes de tudo – um instrumento mágico da obra de arte, a qual só viria a ser – até determinado ponto – reconhecida mais tarde como tal. Do mesmo modo, hoje a preponderância absoluta do seu valor de exposição confere-lhe funções inteiramente novas, entre as quais aquela de que temos consciência – a função artística – poderia aparecer como acessória. É certo que, a partir do presente, a fotografia e, mais ainda, o cinema testemunharam de modo bastante claro nesse sentido. (BENJAMIN, 1980, p.12).

O cinema e a fotografia foram os grandes alicerces desse novo tipo de arte, desenvolvida a partir da valorização de sua exposição e do aprimoramento das técnicas da sua reprodutibilidade. A preponderância do valor de culto deu lugar ao valor de exposição, ocorrendo uma valorização no aspecto quantitativo, ou seja, a arte ganha um aspecto popular, podendo ser exposta, graças a sua reprodução, a um grande número de pessoas. É importante compreender como o aprimoramento das técnicas de reprodução criou espaço para a exposição das expressões artísticas, entretanto essas expressões perderam consideravelmente a sua qualidade e a sua originalidade. Isso se torna claro ao comparar o retrato pintado à mão com a fotografia e o teatro com o cinema. O que era peculiar por sua subjetividade tornou-se objetivo, comprometendo a sua qualidade. A arte deixou de ser fruto da imaginação subjetiva de seu criador e passou a representar a objetividade com que ela foi produzida. Contudo, a fotografia pode proporcionar subjetividade, pois demonstra a interpretação do fotógrafo assim como o cinema transmite a interpretação do mundo pelo cineasta.

2.1 O conceito de reprodutibilidade técnica

O sistema capitalista não só está presente em todas as esferas da vida humana como também rege estas esferas, tornando-as sistematicamente subordinadas à

economia. Assim como as outras esferas da vida humana, a cultura, e em específico a arte tornaram-se, graças ao avanço do modo de vida capitalista, subordinadas e alienadas à economia. As expressões artísticas passam a ser reproduzidas em grande escala visando estimular o consumo para a obtenção de lucro das grandes corporações.

Em sua obra *A obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica* faz uma análise sobre as transformações que as expressões artísticas sofreram com o desenvolvimento da industrialização. A reprodução de obras de arte, segundo Benjamin, não constitui nenhuma novidade, a arte durante sua história sempre foi objeto suscetível de reprodução justificada a diversos fins. O que há de novo, com o advento do capitalismo para Benjamin, seria sem dúvida a técnica de reprodução, ou a dinâmica no desenvolvimento dessas técnicas, sua reprodutibilidade.

O artista perdeu a sua importância, deixou de ser necessário, uma vez que a arte e a sua técnica podem ser reproduzidas. Um exemplo desse processo ocorreu com o desenvolvimento da fotografia, a qual a substituiu de forma hegemônica o autorretrato, mas substituiu também toda a subjetividade artística, podendo ser reproduzida objetivamente sem restrições.

Por outro lado, a arte deixa pra trás o aspecto elitista e tradicional, deixando de ser privilégio de apenas alguns ao tornar-se reproduzida para atingir o grande público, ou seja, segundo Benjamin, as novas técnicas de reprodução da arte poderiam, em última análise, promover a democratização no campo das artes. Para tornar mais claro essa perspectiva é possível esclarecer que a arte ganhou a possibilidade de ser reproduzida graças ao aprimoramento da sua técnica de produção. No entanto, apesar dos aspectos negativos que carregam essa reprodutibilidade, o fato da arte perder a sua originalidade, é possível também encontrar alguns aspectos positivos como o acesso que o público em geral pode ter com esse processo.

A obra de arte, segundo Benjamin possui duas características que se opõem sistematicamente, a sua sacralização e a sua exibição. Em sua origem a obra de arte sempre esteve ligada ao culto, sendo criada como objeto de sacralização, na antiguidade a presença das obras de arte como imagens dedicadas ao culto possuíam mais valor do que a sua simples exibição.

A emancipação da obra de arte do seu culto ritual ocorre na medida em que aumenta a possibilidade e a necessidade dela ser exposta e visível por um maior número de pessoas, graças a reprodutibilidade a arte ganha valor de exposição

enquanto seu valor ritualístico diminui, sua finalidade passa a ser outra uma vez que o objetivo de reproduzir expressões artísticas visa atender a demanda do consumo. Nessa perspectiva Benjamin faz uma análise sobre as novas funções da arte a partir da sua reprodutibilidade, assim escreve o filósofo:

Em primeiro lugar, relativamente ao original, a reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual. Ela pode, por exemplo, pela fotografia, acentuar certos aspectos do original, acessíveis à objetiva – ajustável e capaz de selecionar arbitrariamente o seu ângulo de observação - , mas não acessível ao olhar humano. Ela pode, também, graças a procedimentos como a ampliação ou a câmera lenta, fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural. Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma de fotografia, seja do disco (BENJAMIN, 1985, p.168).

O cinema e a fotografia foram os grandes alicerces desse novo tipo de arte, desenvolvida a partir da valorização de sua exposição e do aprimoramento das técnicas da sua reprodutibilidade. A preponderância do valor de culto deu lugar a necessidade da exposição, ocorrendo uma valorização no aspecto quantitativo, ou seja, a arte ganha um aspecto popular, podendo ser exposta, graças a sua reprodução, a um grande número de pessoas.

Segundo Walter Benjamin, desde a pré-história o homem representou o seu mundo, tornando essa representação um instrumento de magia sendo resguardada devido a essa peculiaridade. O valor de culto de uma obra de arte está relacionado a certo ritual, que garantiam a ela uma invisibilidade, sendo secreta aos olhos do público em geral. O valor de culto confronta com o valor de exposição de uma obra de arte, pois somente a emancipação da arte de seu valor de culto, o qual obrigava a invisibilidade da obra, garantiu as condições de sua exposição. Certas obras de arte estiveram invisíveis por estarem relacionadas a valores religiosos ligados a cultos, eram permitidas apenas a alguns sacerdotes e acabavam sendo escondidas por longo período.

O valor de culto, como tal, quase obriga a manter secretas as obras de arte: certas estátuas divinas somente são acessíveis ao sumo sacerdote, na cella, certas madonas permanecem cobertas quase o ano inteiro, certas esculturas em catedrais da Idade Média são invisíveis, do solo, para o observador. À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas. (BENJAMIN, 1985. p.173).

A partir do desenvolvimento das técnicas de reprodução determinadas expressões artísticas como a música e o cinema passaram a ser produzidas visando

consumo sendo necessária sua exposição. Contudo, mesmo as expressões artísticas que não são vinculadas a reprodutibilidade técnica, como determinadas pinturas, são expostas a determinado público como em museus ou exposições.

Contudo, nas expressões artísticas reproduzidas o que se tornou ausente após o avanço do capitalismo e a reprodução técnica, foi a sua autenticidade, tanto dela obra de arte quanto a do seu criador o artista. A mudança da perspectiva artística que ocorreu com o fim da sacralização da arte, deu origem à destruição da aura, a sua reprodutibilidade técnica a transformou em algo alheio ao seu tempo.

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. (BENJAMIN, 1985, p. 167).

Segundo Walter Benjamin o que caracteriza a autenticidade de uma obra de arte é a potencialidade que ela contém de ser transmitida originalmente, seu poder de testemunho histórico que se baseia na sua duração material, quando ocorre a reprodução, o aspecto da sua duração torna-se falível, prejudicando o seu testemunho histórico abalando assim a própria autoridade da obra de arte.

A autenticidade de uma obra de arte é aquilo que a faz única, sua ligação com aquilo que ela representa. Torná-la reprodutível é eliminar a sua identidade, seu testemunho histórico, tornando-a finita, consumível, descartável. Assim a obra de arte perde seu caráter original, a característica que a torna possível de ser identificada e contemplada. Segundo Benjamin a reprodutibilidade técnica de uma obra de arte é uma espécie de redução do conceito artístico, uma atrofia da autoridade e originalidade da obra de arte, afinal: “o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura” (BENJAMIN, 1985, p. 168).

Para Benjamin a obra de arte possui uma ligação com o seu tempo e com a cultura de que ela representa, no entanto, a obra de arte deve possuir algo mais valioso do que apenas a sua identificação espaço-tempo cultural, a obra de arte deve possuir *aura*. Esse conceito o filósofo alemão desenvolveu para justificar a própria necessidade da contemplação artística. Para existir aura é necessário que a obra de arte possua autenticidade, seja única, tornando-a próxima daquilo que ela representa e ao mesmo tempo distante de quem a ela admira. Mas o que é possível identificar

como aura? Decifrar esta questão é extremamente pertinente para a compreensão da própria crítica benjaminiana a respeito da reprodutibilidade técnica da obra de arte.

Considerando que a obra de arte em sua autenticidade possui aura, é necessário compreender que esta característica mantém certo afastamento da obra de arte do seu público, esse afastamento é o que torna a obra de arte objeto de culto, de apreciação, de contemplação. E é nessa perspectiva que finalmente torna-se compreensível uma das finalidades da reprodutibilidade técnica da obra de arte, torná-la acessível ao grande público, às massas. Eliminar a sua aura, sua originalidade, sua identidade. Desta forma transforma-se arte em mercadoria, pois desfazer essa distância entre o público e a obra de arte é transformá-la em um objeto acessível, possível de reproduzir e consumir. “Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução” (Benjamin, 1985, p.170).

O declínio de aura se apresenta em meio a uma série de transformações sociais, sendo assim, é uma resposta a um novo modo de perceber e de transmitir a realidade pelo homem em circunstâncias correlatas com o papel crescente desempenhado pelas massas na vida presente. Além disso a *aura* está relacionada à aparição única de uma realidade longínqua por mais próxima que esteja, a decadência da aura estaria ligada a duas circunstâncias derivadas à crescente difusão da arte e o desenvolvimento dos movimentos de massa em seu presente. Benjamin observa nesse processo duas tendências igualmente fortes, pois, se graças a difusão através do sistema de reprodutibilidade, a arte pode tornar-se mais próxima e assim mais humana, por outro lado, sendo ela reproduzida, essa dinâmica tende a depreciar o seu caráter de unicidade, ou seja, aquilo que é dado uma única vez.

Benjamin observa que, nessa relação, impõe-se gradativamente a necessidade de o espectador assumir o domínio mais próximo possível do objeto através de sua imagem. O filósofo comenta que fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade. Observa-se assim que a destruição da aura está relacionada à crescente necessidade de tornar a obra de arte acessível ao grande público, à massa de trabalhadores crescente, por outro lado essa necessidade depreciava a obra de arte, roubando-lhe sua autenticidade, seu aqui e agora, seu envolvimento com aquilo que ela representa. A concepção de massa

aqui descrita refere-se a grande parte da população enquadrada ideologicamente como consumidores em potencial.

2.2 A falta da autenticidade e a destruição da aura

É possível compreender que Benjamin não se restringiu a atacar apenas os avanços tecnológicos decorrentes do capitalismo, obviamente compreendia que alguns avanços se faziam necessários para o próprio desenvolvimento humano. Mas no que tange a obra de arte, o elemento que se tornou ausente após o avanço do capitalismo e a reprodução técnica, foi a sua autenticidade, tanto da obra de arte quanto a do seu criador o artista. A mudança da perspectiva artística que ocorreu com o fim da sacralização da arte deu origem à destruição da aura, mas a sua reprodutibilidade técnica a transformou em algo alheio ao seu tempo.

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. (BENJAMIN, 1985, p. 167).

Benjamin não desvincula a obra de arte de seu tempo, ela é fruto do aqui e agora em que foi idealizada ou produzida, e por isso possui autenticidade. Quando a obra de arte é reproduzida, seriada, industrializada, perde a identificação que ela possui com o seu tempo. “O aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo.” (BENJAMIN, 1985, p. 167).

Segundo Walter Benjamin o que caracteriza a autenticidade de uma obra de arte é a potencialidade que ela contém de ser transmitida originalmente, seu poder de testemunho histórico que se baseia na sua duração material, quando ocorre a reprodução, o aspecto da sua duração torna-se falível, prejudicando o seu testemunho histórico abalando assim a própria autoridade da obra de arte. A autenticidade de uma obra de arte é aquilo que a faz única, sua ligação com aquilo que ela representa. Torná-la reprodutível é eliminar a sua identidade, seu testemunho histórico, tornando-a finita, consumível, descartável. Assim a obra de arte perde seu caráter original, a característica que a torna possível de ser identificada e contemplada. Segundo

Benjamin a reprodutibilidade técnica de uma obra de arte é uma espécie de atrofiação do conceito artístico, da autoridade e originalidade da obra de arte, “o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura”. (BENJAMIN, 1985, p. 168).

Para Benjamin a obra de arte possui uma ligação com o seu tempo e com a cultura de que ela representa, no entanto, a obra de arte deve possuir algo mais valioso do que apenas a sua identificação espaço-tempo cultural, a obra de arte deve possuir aura. Esse conceito o filósofo alemão desenvolveu para justificar a própria necessidade da contemplação artística. Para existir aura é necessário que a obra de arte possua autenticidade, seja única, tornando-a próxima daquilo que ela representa e ao mesmo tempo distante de quem a ela admira. Mas o que é possível identificar como aura? Decifrar esta questão é extremamente pertinente para a compreensão da própria crítica benjaminiana a respeito da reprodutibilidade técnica da obra de arte.

Em suma o que é aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que proteja sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. Graças a essa definição é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. (BENJAMIN, 1985, p. 170).

Considerando que a obra de arte em sua autenticidade possui aura, é necessário compreender que esta característica mantém um certo afastamento da obra de arte do seu público, esse afastamento é o que torna a obra de arte objeto de culto, de apreciação, de contemplação. E é nessa perspectiva que finalmente torna-se compreensível uma das finalidades da reprodutibilidade técnica da obra de arte, torná-la acessível ao grande público, às massas. Desta forma transforma-se arte em mercadoria, pois desfazer essa distância entre o público e a obra de arte é transformá-la em um objeto acessível, possível de reproduzir e consumir. “Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução “. (BENJAMIN, 1985, p.170).

O declínio de aura se apresenta em meio a uma série de transformações sociais, sendo assim, é uma resposta a um novo modo de perceber e de transmitir a realidade pelo homem em circunstâncias correlatas com o papel crescente desempenhado pelas massas na vida presente. Além disso, a aura está relacionada à aparição única de uma realidade longínqua por mais próxima que esteja a

decadência da aura estaria ligada a duas circunstâncias derivadas à crescente difusão e desenvolvimento dos movimentos de massa em seu presente. Benjamin observa nesse processo duas tendências igualmente fortes, pois, se graças a difusão através do sistema de reprodutibilidade, a arte pode tornar-se mais próxima e assim mais humana, por outro lado, sendo ela reproduzida, essa dinâmica tende a depreciar o seu caráter de unicidade, ou seja, aquilo que é dado uma única vez. “Fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade”. (BENJAMIN, 1985, p.170). Benjamin observa que, nessa relação, impõe-se gradativamente a necessidade de assumir o domínio mais próximo possível do objeto através de sua imagem. Observa-se assim que a destruição da aura está relacionada à crescente necessidade de tornar a obra de arte acessível ao grande público, à massa de trabalhadores crescente, por outro lado essa necessidade deprecia a obra de arte, roubando-lhe sua autenticidade, seu aqui e agora, seu envolvimento com aquilo que ela representa.

2.3 Valor de culto e valor de exposição

Segundo Walter Benjamin a obra de arte possui dois valores intrinsecamente relacionados com sua própria história e que se confrontam, o valor de culto e o valor de exposição. Desde a pré-história o homem representou o seu mundo, tornando essa representação um instrumento de magia resguardada devido a essa peculiaridade. O valor de culto de uma obra de arte está relacionado a um ritual, que garantiam a ela uma invisibilidade, sendo secreta aos olhos do público em geral. O valor de culto confronta com o valor de exposição de uma obra de arte, pois somente a emancipação da arte de seu valor de culto, o qual obrigava a invisibilidade da obra, garantiu a sua exposição. Certas obras de arte estiveram invisíveis por estarem relacionadas a valores religiosos ligados a cultos, eram permitidas apenas a alguns sacerdotes e acabavam sendo escondidas por longo período.

O valor de culto, como tal, quase obriga a manter secretas as obras de arte: certas estátuas divinas somente são acessíveis ao sumo sacerdote, na cela, certas madonas permanecem cobertas quase o ano inteiro, certas esculturas em catedrais da Idade Média são invisíveis, do solo, para o observador. À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas. (Benjamin, 1985. p.173).

Nessa perspectiva é possível compreender como desde o período pré-histórico, a obra de arte, compreendida como instrumento mágico, foi se desvinculando de seu valor de culto para ser compreendida pela sua característica artística. Essa transformação lhe garantiu o seu valor de exposição. Esse processo é conhecido como dessacralização. Dessacralizar a arte pode ser compreendida como libertá-la do papel ritualístico a que, durante toda tradição esteve submetida. Apesar de sua transformação durante o tempo, a obra de arte sempre esteve destinada a desempenhar o mesmo papel, o de servir de suporte para um fim maior, pois não se encerra em si mesma. Os gregos antigos compreendiam esse papel muito bem, pois para eles não havia diferença entre arte e religião, a mitologia grega se fazia presente através das expressões artísticas, consideradas pelos gregos como sacras.

As obras de arte ao se afastarem de seu valor ritualístico criaram maior mobilidade, pois, podiam ser exibidas e deslocadas de um lugar para outro, fato que anteriormente o culto e o mistério que as envolvia não as tornava capaz. Assim não somente as obras eram sagradas, como também os locais aonde elas se encontravam. Para Benjamin, as diversas técnicas de reprodução reforçaram a dessacralização das obras de arte, esse processo, além de libertar a obra de arte do seu propósito ritualístico, produziu uma transformação na própria estrutura artística, isto é, aquilo que era permitido a poucos, torna-se necessariamente exposto a muitos, esse deslocamento quantitativo de valor, afeta sua própria natureza, e o valor de exibição sobrepõe-se decididamente sobre o valor de culto, Benjamin afirma ainda que a partir da fotografia e do cinema este fato se tornou bastante claro.

2.4 Benjamin e o conceito de crítica

Claudia Castro escreve em seu artigo “Crítica e Verdade”, que Benjamin se destacou ao interpretar outros autores, outros filósofos, contudo, é através do desenvolvimento de uma filosofia crítica que desenvolveu um pensamento original. Partindo de um material anterior, Benjamin expõe seu pensamento, o devir histórico do conhecimento expõe a verdade escondida contra a verdade messiânica. Para Benjamin a crítica de uma obra é sua continuação acabamento e potencialização enquanto que o devir histórico do conhecimento se coloca como uma construção de um conceito superior de experiência filosófica. A abertura, o inacabamento e a potencialização são as principais características da obra de arte.

A crítica de uma obra de arte traduz a linguagem material em linguagem filosófica. O crítico só realiza sua tarefa quando parte do teor coisal da obra de arte, o extrato empírico da obra de arte, sua aparência sensível e determinada temporalmente. A obra está ligada intrinsecamente a sua época e as intenções do autor, a dialética entre o teor coisal e o teor verdade constituem a crítica para Benjamin. A obra de arte apresenta um valor de verdade que ultrapassa seu caráter historicamente limitado, mas está ligado a ele.

Cabe a crítica filosófica, no pensamento de Benjamin, desmascarar o mito da obra de arte clássica, a ilusão da bela aparência por ela projetada em sua falsa totalidade. Toda beleza implica ilusão e é passageira, só o tempo revela o valor da obra de arte. Para os Românticos assim como para Goethe a arte é significação, é símbolo, sinônimo de idealidade e universalidade, relação entre o particular e o universal. Para Benjamin isso é ilusão, a arte como ideal de beleza é reconciliação, reivindica um significado pleno e enganador, sem a devida importância histórica o símbolo exprime uma ideia vazia. Na filosofia benjaminiana a obra de arte não é invocação nem criação, a crítica estética é uma intervenção no curso da história de dominações capaz de abrir novas possibilidades de significação. O crítico deve penetrar na aparência na materialidade da obra e experimentá-lo, compreendendo sua historicidade, temporariedade e precariedade que lhe são próprios. Só assim poderá atingir a verdadeira contemplação do belo, sua intuição como mistério.

A crítica condena a bela aparência o refúgio do mito à morte trazendo uma esperança paradoxal e fugaz. A história não é dotada de nenhum progresso e sempre tende a uma interpretação. Haverá para Benjamin sempre razão para lutar, identificar dominadores e dominados. Para Benjamin, portanto fazer filosofia é fazer crítica, sendo sempre uma análise conceitual e histórica.

Kátia Muricy em seu texto “Alegoria e Crítica” apresenta uma interpretação interessante sobre o conceito de crítica, a mortificação da obra de arte, buscando destruir a harmonia forma e conteúdo da bela aparência, a crítica se apresenta como um acabamento procurando mostrar algo sem expressão na obra. O conceito “sem expressão” significa que a verdadeira natureza da arte está além da categoria de belo, aquilo que não se expressa diretamente. A finalidade da crítica na arte não é, portanto, a revelação da harmonia entre forma e conteúdo.

2.5 Aspectos positivos na reprodutibilidade técnica da obra de arte

Konder em sua obra *A questão da ideologia* escreve que Benjamin percebe alguns fatores positivos na reprodutibilidade técnica da arte, sendo o cinema o principal exemplo dessa característica. Apesar de um filme já nascer multiplicado em várias cópias para tornar-se rentável, cumprindo com o propósito que foi produzido, a sua existência pressupõe a sua necessária exibição. O filósofo percebeu aspectos positivos no nascimento do cinema, pois criava possibilidades de seus contemporâneos perceberem coisas que seus antepassados jamais imaginariam.

O cinema é o melhor exemplo dessa nova característica. O filme já nasce multiplicado em muitas cópias para tornar-se rentável, exibido em vários lugares. O crescimento do valor de exposição, segundo Benjamin, cria possibilidades interessantes (Benjamin não tem o uma posição hostil ao cinema como Adorno): graças à linguagem do cinema, os homens do século XX puderam enxergar coisas que seus antepassados jamais puderam ver. Essa experiência proporciona maior autoconfiança no sujeito humano, anima-o em sua vontade de enxergar mais, de conhecer mais. (KONDER, 2002, p. 97).

Contudo, apesar da possibilidade de disseminação do conhecimento através do cinema, criando um veículo de transmissão de uma nova visão de mundo por parte do cineasta e do espectador, a reprodutibilidade técnica da arte permite também a sua banalização, a produção artística, inclusive a cinematográfica, ocorre muitas vezes apenas com a finalidade de gerar lucro, “o capitalismo aproveita a reprodutibilidade técnica da produção artística para fins de lucro, impondo-lhe critérios utilitários, imediatistas, que resultam a sua banalização” (KONDER, 2002, p.97).

Benjamin ao falar da obra de arte em tempos de reprodutibilidade técnica, analisa as transformações ocorridas no conceito artístico, como a obra de arte foi sendo dessacralizada, ganhando valor de exposição para tornar-se objeto desejável de consumo graças a sua reprodução. No entanto diferentemente de outros pensadores da Escola de Frankfurt, Benjamin não observa apenas um resultado negativo dessa dialética, em que a obra de arte, restrita a minorias, torna-se acessível à grande massa. Surgiram segundo ele algumas representações artísticas graças ao desenvolvimento técnico que garantiram a arte um envolvimento social. Por isso Benjamin é otimista com relação ao cinema.

Existem diversos outros aspectos que, para Benjamin, podem justificar a reprodutibilidade de uma obra de arte, compreende-se o fato de que graças a sua reprodução a obra de arte se emancipa do seu caráter ritualístico, e de que algumas

obras de arte são caracterizadas pela sua própria reprodução, neste caso está incluído o cinema. Além disso, as técnicas de reprodutibilidade garantiram a arte um caráter social, pois desvinculou a obra de arte de seu fundo teológico e do conceito de arte “pura”, elitizada. A autenticidade das produções da Indústria Cultural está na própria característica de ser reproduzida. Segundo ele mesmo, “a obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida”. (BENJAMIN, 1985, p.171).

Dessa breve análise decorrente do pensamento de Walter Benjamin, é importante observar que apesar desse processo que tende a transformar a arte em mera reprodução, sem aquilo que o filósofo classificou de aura, é possível observar alguns aspectos positivos. A obra de arte tornou-se acessível ao grande público podendo até ser utilizada como um veículo transmissor de conhecimento. Nesse sentido é possível requisitar da obra de arte certa representação de valores sociais, vários elementos da indústria cultural carregam essa característica como alguns filmes e algumas músicas, pois possuem conteúdo crítico. Contudo o avanço das técnicas de reprodução permite a banalização da arte, não existe autenticidade naquilo que o artista faz, pois, determinadas produções artísticas ocorrem graças a fins utilitários e imediatistas que o sistema capitalista impõe visando apenas à geração de lucro.

Ernest Fischer, em seu texto intitulado “A Função da Arte” reflete sobre a arte ser os anseios e as representações de uma determinada sociedade, em um determinado tempo, assim a função da arte em uma sociedade de classes não será a mesma das sociedades antigas, contudo, assim como ocorreu com os gregos, pode levar a reflexão e identificação. Nesse sentido a arte em uma sociedade desigual deve impulsionar sempre a ação percebendo a desigualdade social da modernidade, a identificação com a realidade, como nos poemas e peças de Bertolt Brecht, deve promover a reflexão e a mudança, contrapondo a estética da classe dominante.

Brecht observa que, numa sociedade dividida pela luta de classes, o efeito “imediato” da obra de arte requerida pela estética da classe dominante é o efeito de suprimir as diferenças sociais existentes na plateia, criando, assim, enquanto a peça vai sendo encanada, uma coletividade “universalmente humana” e não dividida em classes. Por outro lado, a função do drama “não-aristotélico” que Brecht preconizava era precisamente a de dividir a plateia, para o que lhe cumpria remover o conflito entre os sentimentos e a razão, incentivado pelo mundo capitalista. (FISCHER, 1971, p. 15).

Fischer ao interpretar Brecht percebe que a intensão do artista em seus dramas era o de criar na plateia uma necessidade de ação e de mudança ao perceber as

contradições sociais e ao perceber que as normas que regulam as relações entre os homens são imperfeitas. O público deve interpretar de forma racional e objetiva a fim de transformar a realidade social que vive, entendendo as diferenças que nela existem.

No mundo alienado em que vivemos, a realidade social precisa ser mostrada em seu mecanismo de aprisionamento, posta sob uma luz que devesse a “alienação” do tema e dos personagens. A obra de arte deve apoderar-se da plateia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão. As normas que fixam as relações entre os homens não de ser tratadas no drama como “temporárias e imperfeitas”, de maneira que o espectador seja levado a algo mais produtivo do que a mera observação, que seja levado a pensar no curso da peça e incitado a formular um julgamento, afinal, quanto ao que viu: “Não era assim que deveria ser..”(FISCHER, 1971, p. 16).

Toda arte está condicionada ao seu tempo e representa as aspirações e esperanças da humanidade, assim em diversos períodos da história dependendo da situação social e das necessidades da classe dominante diversas coisas que permaneciam latentes são trazidas novamente à luz. É dessa forma que percebemos o renascimento do humanismo grego e a negação da contemporaneidade desse humanismo em um mergulho ao fetichismo da mercadoria criando e recriando falsos mitos visando esconder seus problemas reais. Nessa perspectiva encontra-se a Indústria Cultural alienando as massas e produzindo a semiformação, um universo de seguidores sedentos pelo consumo. Mas se o paradigma da arte e da cultura no mundo industrial administrativo é movido pela indústria da cultura será possível perceber em seus elementos uma possibilidade de desenvolver a função da arte analisada por Fischer e potencializada por Brecht? É possível criar uma consciência social, uma crítica à desigualdade da sociedade de classes a partir da exibição dos elementos culturais? A resposta a essa questão é positiva, pois em diversas músicas, em seus conteúdos literários, assim como em filmes e livros existe uma identificação do público com a sua vida social, mesmo que esses elementos artísticos visem o lucro, existe por parte dos artistas uma tentativa de desenvolver ou apresentar uma crítica ao modelo social opressor vigente.

2.6 Benjamin e a barbárie positiva

O conceito de *barbárie* aparece de forma constante nos escritos dos diversos filósofos da escola de Frankfurt. A ideia aqui é apresentar de forma breve este conceito, sem necessariamente aprofundar suas apropriações, mas também sem

deixar passar a importante reflexão que ele nos oferece, especialmente nos dias de hoje.

A concepção de *barbárie* é a crítica à modernidade, pois apesar do processo de afastamento da tradição medieval promovido pelo iluminismo e pela melhoria da vida social promovida pela Revolução Industrial, o mundo viu surgir o Holocausto judeu promovendo os horrores segunda grande guerra. Para Adorno, a *barbárie* na modernidade seria o enquadramento social e ideológico a partir da utilização de meios de comunicação em massa, evento que ocorreu no nazismo. Para o filósofo a indústria cultural é uma representação da *barbárie* moderna, um enquadramento de massas consumidoras promovendo a banalização da arte.

Em seu ensaio “Experiência e pobreza” de 1933, Benjamin anuncia a ruptura radical com o passado cultural como exigência da contemporaneidade e também com a euforia iconoclasta do surgimento de uma “nova barbárie” de construtores de caráter destrutivo, cujo lema é criar espaço novo, desobstruir caminhos, assim construir o novo é destruir as tradições arraigadas com o mundo medieval elitista. Nessa perspectiva, Benjamin prevê o nascimento do novo e o rompimento com a tradição, uma barbárie ao mesmo tempo destrutiva como positiva, pois não permite nada mais de duradouro.

Katia Muricy, em seu artigo “Alegoria e crítica”, defende que Benjamin constata como a segunda metade do século XX assistiu impotente à queima geral da tradição. Sua liquidação derradeira – a guerra mundial – deixou como herança uma extrema miséria de experiências comunicáveis. Os homens voltavam silenciosos do campo de batalha sem poder narrar os horrores da guerra, são homens da modernidade, destruídos de sabedoria resta-lhes a assunção de sua pobreza. O mundo destruído significava também a destruição da esperança de vida melhor ansiada pelo desenvolvimento científico.

Assim, para o filósofo Benjamin a “nova barbárie” é uma promessa de renascimento, pois ocorre um rompimento devastador com o passado. Essa barbárie positiva é uma desapropriação crítica das conquistas tecnológicas desta cultura, uma ruptura no curso de seu destino fatídico. Sem esta interrupção, o homem moderno sucumbiria ao sono temerário da falsa continuidade de uma tradição moribunda, do qual só despertaria pela catástrofe de uma barbárie incontrolável.

Em *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (1936), Benjamin condena essa barbárie inscrita no desenvolvimento da cultura burguesa, ao se referir

à guerra como convergência de uma estetização da política. As massas veem seus rostos nos discursos fascistas, nos comícios e discursos registrados em aparelhos de filmagem. No entanto, à classe proletária é barrada uma transformação social, das relações de produção. A estetização da guerra conduz à barbárie, dissolve a cultura burguesa sendo colocados em cena todos os recursos técnicos disponíveis, mas sem alteração das relações de produção.

Ao manter a desigualdade social a “barbárie” torna-se sinônimo de cultura, pois para Benjamin “nunca houve um monumento da cultura que não fosse um monumento da barbárie” (BENJAMIN, 1985, p. 225). O caráter destruidor da barbárie é visto como uma arma contra a barbárie da cultura burguesa imposta como estática.

É nas produções estéticas, nas novas formas artísticas derivadas do desenvolvimento tecnológico, que Benjamin encontrará a expressão de verdade da época moderna. A verdade fragmentada está expressa na experiência e não mais na totalidade da aparência, a concepção estética moderna para Benjamin expressa-se na crítica e na criação do novo mesmo que concebida por outras formas de expressão artísticas.

Para Muricy, a atrofia da experiência estética no mundo moderno é consequência de diversos choques, culturais e sociais, que nele existem. São diversos os exemplos, como um transeunte que em meio à multidão espera o sinal abrir ou o operário que se submete a repeditos movimentos corporais em uma submissão do tempo orgânico ao tempo industrial. São esses choques que para Benjamin, por exemplo, esterilizam o sujeito moderno para uma experiência poética.

O declínio da experiência equivale ao processo de perda da “aura”, entendida como o conteúdo da obra de arte. A noção de aura unifica as características da obra de arte tradicional, destruídas pelo advento dos meios técnicos de reprodução. O cinema é um exemplo da arte sem aura, pois a sua reprodutibilidade não é apenas uma possibilidade, mas a condição para a sua existência, tem na recepção do choque a sua regra: a percepção intermitente é o seu princípio formal. (Ibid. p. 201).

Para Benjamin, a busca pelo novo, intrínseca a arte moderna, está ligado à morte da memória, ao afastamento da tradição e do passado. Contudo, representa as mudanças inevitáveis da contemporaneidade, representadas pela industrialização. Os elementos da indústria cultural, como o cinema, por exemplo, possuem a reprodutibilidade técnica como sua única forma de existência e podem, através de sua proximidade com o grande público, produzirem uma reflexão política e social, sendo

a “barbárie positiva”, pois destroem a ligação com o passado e com a estrutura herdada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda atividade docente desenvolvida com educandos, por melhor que ocorra seu planejamento, sempre proporcionará algumas surpresas e dificuldades. A utilização de elementos da indústria cultural como objeto de sensibilização nas aulas de filosofia trouxe algumas dificuldades, como a exibição integral dos filmes escolhidos e a necessidade de pausá-los para uma melhor compreensão da proposta. Contudo, apesar de cansativo, os educandos participaram ativamente da atividade com contribuições para a problematização dos temas.

A gratificante surpresa foi a ideia que partiu dos próprios alunos, criar uma página na rede social facebook. Essa página foi desenvolvida por uma das alunas e todos os demais contribuíram com publicações referentes as atividades propostas sendo também uma forma de avaliação. A pesquisa sobre filmes com conteúdos que possibilitassem uma sensibilização e uma problematização em temas sociais ou filosóficos, desenvolvida de forma individual, foi acolhida por todos os educandos da referida turma e trouxe uma enorme satisfação.

A filosofia enquanto disciplina do ensino médio diferencia-se das demais por não trazer objetivos práticos e específicos, isto é, não busca uma finalidade determinada. Sua característica intrínseca é a reflexão, seu objetivo é o de desenvolver uma visão crítica sobre o mundo pois a filosofia encontra problemas onde muitas outras perspectivas de conhecimento não percebem. Contudo, é difícil medir o desenvolvimento dessa ação reflexiva em estudantes secundaristas visto que seu cotidiano está repleto de elementos denominados por eles mesmos como “mais interessantes”. É de comum acordo que há uma visão geral de que a simples leitura de um texto filosófico é entendido como algo penoso, desagradável e principalmente desnecessário.

O desafio em uma aula de filosofia é torná-la interessante, deferente sem ser banal, aproximar-se dos estudantes e demonstrar que a filosofia e seus problemas e reflexões estão mais próximos deles do que possam imaginar. É nessa perspectiva que nesse estudo foi apresentado a utilização de elementos da indústria cultural nas aulas de filosofia. Durante um processo que levou desde a escolha e a exibição dos filmes, a problematização e os debates, até a leitura e a produção de reflexões

filosóficas sobre os temas e outros filmes, deixando como legado um possível caminho a ser traçado por outros docentes de filosofia.

A discussão aqui proposta não foi com relação a aceitação da indústria cultural, visto que ela já é um fenômeno da sociedade de massa, a qual vivemos e da qual somos fruto. A proposta foi a de demonstrar a partir da concepção benjaminiana que, apesar de todas as críticas muito bem fundamentadas da arte ter se transformada em objeto de consumo, é possível encontrar reflexões pertinentes ao mundo contemporâneo e assim produzir análises e debates a partir do pensamento filosófico. Afinal, concordamos com a ideia de que não conhecemos outra sociedade a não ser aquela da qual fazemos parte, compreendê-la em nossa existência é um exercício da atividade filosófica.

A atividade desenvolvida com os educandos foi uma tentativa de proporcionar esse exercício, bem como as análises, debates e reflexões que foram produzidas nessa perspectiva a partir da experiência com os filmes. O projeto foi elaborado com antecedência, porém ao nos depararmos com algumas dificuldades e possibilidades este também sofreu alterações e foi, ao longo do processo, sofrendo transformações e adaptações. Em decorrência dessa experiência, outras atividades utilizando elementos da indústria cultural, como a música, foram aplicadas em outras turmas nas aulas de filosofia do Ensino Médio como por exemplo as músicas que contextualizam o regime militar no Brasil.

Cabe aqui algumas ponderações sobre esse estudo, pois o mesmo levou em consideração na atividade desenvolvida e relatada apenas um elemento da indústria cultural, o cinema, que por seu dinamismo é de fácil assimilação. Foi desenvolvido uma página no facebook em que os alunos publicaram suas pesquisas podendo ser visualizados por várias pessoas. No entanto, percebemos que há um caminho a ser explorado, pois poderia fomentar a produção de outros materiais que aproximassem os educandos ainda mais do tema proposto, como a elaboração de um curta metragem, por exemplo, que foi uma das ideias ventiladas ao longo do processo.

Para finalizar é importante relatar que, como em toda metodologia desenvolvida ao ensino de filosofia, essa proposta de ensino não é uma receita e não está cristalizada, podendo ser dinamizada de acordo com as necessidades e especificidades de cada turma e conteúdo aplicados. Isto é, aliás, um dos pontos positivos que observamos: a possibilidade de aplicar essa mesma atividade

adaptando às características da turma, alterando a escolha dos filmes em virtude dos perfis das turmas, escolas e comunidade no entorno das escolas.

A utilização de outros elementos da indústria cultural, que proporcionem reflexão a partir das questões filosóficas, podem e devem ser utilizados. Não obstante, é importante salientar que não se trata de qualificar as produções artísticas que visam lucro, sabendo que estas são destinadas a um determinado público, mas o de auxiliar na aprendizagem do aluno, dos conteúdos de filosofia, a partir de elementos que ele conhece, ou seja a partir daquilo que lhe é peculiar.

A atividade desenvolvida na aplicação desse projeto foi intensa, porém muito gratificante, pois além de aprofundar a pesquisa sobre a indústria cultural, a qual já era proposta de minha formação desde a pós-graduação *latu sensu* proporcionou a elaboração de novas metodologias para exercício da docência em filosofia. O PROF-FILO Mestrado Profissional em Filosofia viabilizou um aprofundado conhecimento no universo filosófico, outrora além de proporcionar a minha qualificação profissional foi de extrema importância na minha formação intelectual e pessoal.

Quando apresentada a proposta em um momento de formação pedagógica com os docentes da escola referida, a direção acolheu a ideia com satisfação. Porém a falta de conhecimento e contato com a filosofia dos demais docentes não possibilitou uma possível participação interdisciplinar, o que não inviabilizou a aplicação do projeto. Contudo, como metodologia que possibilita desenvolver uma sensibilização para um aprofundamento de um conhecimento específico, não necessariamente filosófico, essa atividade em uma perspectiva pedagógica deixou seu legado. A contribuição mais relevante foi na formação dos alunos participantes, os quais ao se identificarem com os conteúdos filosóficos perceberam com satisfação a possibilidade e a importância da utilização de elementos da indústria cultural como ferramentas de reflexão.

4 . REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 29ª. ed., 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas vol 1. Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, editora brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. **Textos escolhidos**. Trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva et all. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BUCK-MORSS, Susan. **Estética e Anestésica: o ensaio sobre a obra de arte**. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/16568/15124>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- BUCK-MORSS, Susan. **Utopia e engajamento**. Entrevista concedida a Willi Bolle, Elvis Cesar Bonassa e Fernanda Pitta. Cadernos de filosofia alemã 3, pp. 61-67. 1997.
- CEPPAS, Filipe. **Anotações sobre a formação filosófica no Brasil e o ensino de filosofia**. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt17/t173.pdf>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria Cultural: uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- FAHRENHEIT 451. Direção de Ramin Bahrani. Nova Iorque: HBO filmes, 2018. 1 DVD (100 min.).
- GALLO. Sílvio (org.). **Ensino de filosofia – teoria e prática**. Ijuí: Unijuí, 2004.
- GALLO. Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia. Uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2010.
- HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. In. **Textos Escolhidos / Max Horkheimer, Theodor Adorno**; São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- HUSSAK, Pedro e VIEIRA, Vladimir (org.). **Educação estética: de Schiller a Marcuse**. Rio de Janeiro: Nau: Edur, 2011.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOWY, Michael. **Sete teses sobre Walter Benjamin e a teoria crítica**. Trad. Mariana Echalar. 2011. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/28/sete-teses-sobre-walter-benjamin-e-a-teoria-critica/#prettyPhoto>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2020.

MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política, vol. 1**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOGENDORFF, Janine Regina. **A Escola de Frankfurt e seu legado**. Verso e Reverso, XXVI (63):152-159, setembro-dezembro 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.63.05>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.

MUNIS, Fernando. Et all. **Os filósofos e a arte**. Organização de Rafael Haddock-Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

O show de Truman. Direção de Peter Weir. Los Angeles: Paramount Pictures, 1998. 1 DVD (102 min.).

PORFÍCIO, Francisco. **Indústria Cultural**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/industria-cultural.htm>>. Acesso em: 17 de outubro de 2018.

VELASCO, Patrícia Del Nero. **O que é isto - o PROF-FILO? O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 28, n. 44, p. 76-107, julho de 2019. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/659>>.

VELHO, Gilberto (org.). **Sociologia da arte vol.1**. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed., 1971. Acesso em: 30 janeiro de 2020. doi: <https://doi.org/10.32334/oqnfp.2019n44a659>.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria cultural: o novo canto da sereia**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

ANEXOS:

Anexo 1 – Página “Filósofos” criada pelos alunos para a divulgação dos trabalhos. A página foi criada a partir do conteúdo apresentado aos alunos sobre o iluminismo e a importância do conhecimento.

Maxthon New - Maxth... x (38) Filósofos - Página... x

https://www.facebook.com/Filósofos-1565153700297751/?eid=ARCGHsNC4jXd8JAFQIJgqKXk3D

Clique para importar os marcadores [Importar marcadores agora...](#)

Filósofos

Ademir Página inicial Criar Configurações Ajuda

Página Caixa de Entrada Gerenc... Notificações Informações Ferras... Mais Configurações Ajuda

Filósofos

+ Adicionar um botão

Filósofos
Publicado por Ademir Lima (?) · 17 de outubro de 2018 ·
<https://brasilescola.uol.com.br/filo.../industria-cultural.htm>

Sobre Ver tudo
Enviar mensagem
Site educacional
Sugerir edições

Transparência da Página Ver mais
O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.
Página criada em 3 de outubro de 2018

Português (Brasil) Português (Portugal) English (US) Español Francês (France) +

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

BRASILESCOLA.UOL.COM BR
Indústria cultural - Brasil Escola
Entenda do que se trata e como funciona a indústria cultural, termo criado...

Impulsione sua publicação para alcançar mais pessoas

https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/industria-cultural.htm?fbclid=IwAR21zsc31pU8ups000PJKne001QqUd1h..._kvp5H4V560-hNVgUdKLnRkwc icação

Bate-papo - (74)

Digite aqui para pesquisar

POR 13:23
PTB2 11/10/2019

Anexo 2 - Texto enviado aos alunos sobre a Escola de Frankfurt e a indústria cultural.

The screenshot shows a Facebook page for 'Filósofos'. The main post, dated October 31, 2018, is titled 'Indústria cultural' and discusses the authenticity of art. It includes a large image of Auguste Rodin's 'The Thinker' sculpture. The page layout includes a left sidebar with navigation options like 'Página inicial', 'Publicações', and 'Eventos'. The right sidebar contains 'Sobre' and 'Transparência da Página' sections. The browser's address bar shows the URL: https://www.facebook.com/Filósofos-1565153700297751/?eid=ARCGHsNC4jXd8JAFQIJgqKXk3D.

Anexo 3 – Atividade avaliativa feita em grupo com a turma sobre os conceitos de Walter Benjamin referente a indústria cultural.

The screenshot shows a Facebook page for 'Filósofos'. The main post is by Thais Nathanieli Levandoski Kuchinski, dated October 31, 2018. The text of the post discusses Walter Benjamin's concept of technical reproducibility, stating that it is the ability to create a way of doing things so that art can be reproduced every time. It mentions two key points: democratization of art and the loss of the 'aura' of the original work, which leads to its banalization. The post includes a large image of the Mona Lisa on a tripod, with several smaller, slightly offset versions of the painting arranged in a staircase pattern to the right. The Facebook interface shows the page name 'Filósofos', navigation tabs like 'Página inicial', and various interaction options like 'Curtir', 'Seguir', and 'Compartilhar'. The right sidebar contains sections for 'Comunidade', 'Sobre', and 'Transparência da Página'.

Anexo 4 - Atividade avaliativa feita em grupo com a turma sobre os conceitos de Walter Benjamin referente a indústria cultural.

The image shows a screenshot of a Facebook page for a group named 'Filósofos'. The browser address bar shows the URL: <https://www.facebook.com/Filósofos-1565153700297751/?eid=ARCGHsNC4jXd8JAFQIJgqKXk3D>. The page header includes the name 'Filósofos' and navigation options like 'Página inicial', 'Criar', and 'Configurações'. The main content area features a post from 'Filósofos' dated October 31, 2018, titled 'INDÚSTRIA CULTURAL'. The post includes a photograph of three people on a stage and text discussing the concept of 'Indústria Cultural' (Cultural Industry) as an exhibition for the masses, contrasting it with cinema and music. It also lists students: Alice, Eduarda, Magali, Priscila, and Solane, and mentions 'Série: 3-1 do magistério'. The right sidebar contains sections for 'Sobre' (About), 'Transparência da Página' (Page Transparency), and language options (Portuguese, English, Spanish, French). The bottom of the page shows a Windows taskbar with the search bar and system tray.

Anexo 5 - Atividade avaliativa feita em grupo com a turma sobre os conceitos de Walter Benjamin referente a indústria cultural.

The screenshot shows a web browser window displaying the Facebook page for 'Filósofos'. The page is in Portuguese and features a navigation bar at the top with options like 'Página inicial', 'Criar', and 'Configurações'. The main content area shows a post from 'Filósofos' published on October 16, 2018, by Ademir Lima. The post includes a YouTube video player for the trailer of the movie 'O show de Truman' (The Truman Show). The video player has a yellow text overlay that reads 'Transmitidos 24 horas por dia para o mundo inteiro.' Below the video, the text 'Trailer Show de Truman' is visible. The right sidebar contains information about the page, including a 'Sobre' section with options to 'Enviar mensagem' and 'Site educacional', and a 'Transparência da Página' section. The bottom of the browser shows the Windows taskbar with the search bar and system tray.

Anexo 6 – Trailer do filme “O show de Truman” enviado aos alunos pela página, o filme foi apresentado na aula.

The screenshot shows a Facebook page for 'Filósofos'. The main post is by 'Ademir Lima' from October 25, 2018, stating: 'O filme O show de Truman proporciona uma problematização sobre a influência da indústria cultural em nossas vidas. Partindo da perspectiva de que o cinema possibilita refletir sobre problemas contemporâneos, publiquem títulos ou trailers de filmes que tragam temas filosóficos ou sociais.' The post has 5 likes, 1 comment, and 1 share. The page also shows 84 people reached, 8 engagements, and 1,690 followers. The right sidebar includes statistics like '564 de alcance de publicação esta semana' and '23 visualizações de vídeo esta semana'. The bottom of the page shows a Windows taskbar with the date 11/10/2019 and time 13:22.

Anexo 7 – Atividade solicitada aos alunos após a exibição dos filmes e da problematização com os alunos.

The image shows a screenshot of a Facebook page for a group named "Filósofos". The page is viewed on a desktop browser. The top navigation bar includes the Facebook logo, the group name "Filósofos", and navigation options like "Página inicial", "Criar", and "Configurações". The main content area features a post from the group, dated "5 de dezembro de 2018". The post is titled "Filme: Sociedade dos Poetas Mortos" and contains a paragraph of text discussing the search for knowledge and reflection, mentioning Socrates and the movie's theme of indoctrination. Below the text is a video player showing a scene from the movie with the subtitle "virtudes e conformismo.". To the right of the post, there are statistics: "1.663 curtidas +43 esta semana", "1.690 seguidores", and "564 de alcance de publicação esta semana". The right sidebar shows a "Comunidade" section with a "Bate-papo" chat window.

Anexo 8 – Atividade elaborada pelos alunos e postada na página do facebook.

The image shows a screenshot of a Facebook page for a group named 'Filósofos'. The page is viewed on a desktop browser. The main content is a post by 'Ademir Lima' from December 5, 2018, sharing a YouTube video titled 'FILME: Escritores da Liberdade'. The video description reads: 'O filme relata jovens com problemas de preconceito entre raça e cor onde vivem lutando uns contra os outros brancos e negros envolvidos em gangues e a professora Eren que entra na turma com um so objtivo em mudar os alunos e cm projetos realizados muda a turma dando a eles esperança e liberdade. (Alice)'. The video thumbnail shows a classroom scene with the text 'Quantos de vocês sabem' overlaid. The right sidebar contains 'Sobre' information, 'Transparência da Página', and language options. The bottom of the page shows a Windows taskbar with the date 11/10/2019 and time 13:20.

Anexo 9 - Atividade elaborada pelos alunos e postada na página do facebook.

The image is a screenshot of a web browser displaying a Facebook page. The browser's address bar shows the URL: <https://www.facebook.com/Filósofos-1565153700297751/?eid=ARCGHsNC4jXd8JAFQIJgqKXk3D>. The page header includes the name 'Filósofos' and navigation options like 'Página inicial', 'Criar', 'Configurações', and 'Ajuda'. The main content area features a post from 'Filósofos' dated December 5, 2018, titled 'Uma Escolha de Mãe (2012)'. The post includes a YouTube link and a paragraph of text: 'O filme relata a história de uma jovem chamada Violet, ela tem apenas 17 anos e é mãe solteira, seu noivo morreu na guerra. Violet não tem família e o emprego que tinha em uma lanchonete do bairro ela acaba perdendo. Sem emprego, sem dinheiro e sem casa para morar ela entra em desespero. Acaba deixando seu filho na porta da casa de uma colonista famosa. Dias depois volta querendo pegar seu filho de volta p... Ver mais'. Below the text is a video player showing a woman holding a baby. The right sidebar contains sections for 'Comunidade' (with a post by Carla Thais Pedrozo) and 'Sobre' (with options like 'Enviar mensagem' and 'Site educacional'). The bottom of the page shows a Windows taskbar with the date 11/10/2019 and time 13:20.

Anexo 10 - Atividade elaborada pelos alunos e postada na página do facebook.

The image shows a screenshot of a Facebook page for a group named "Filósofos". The browser address bar shows the URL: <https://www.facebook.com/Filósofos-1565153700297751/?eid=ARCGHsNC4jXd8JAFQIJgqKXk3D>. The page header includes the name "Filósofos" and navigation options like "Página inicial", "Criar", "Configurações", and "Ajuda".

The main content area features a post with the following text: "Esse filme é baseado em fatos reais na vida de Christopher MC Candless. Christopher por sua conformidade decide viver longe da sociedade, materialismo e cotidiano com objetivo de descobrir o que era autêntico e o que não era, descobrir e experimentar a essência da vida sem uma rede de segurança. Estar longe da sociedade e em comunhão com a natureza selvagem. aluna: adriana jurck". Below the text is a video player showing a man in a striped shirt, with the caption "Na natureza Selvagem - Trecho Liberdade =]".

On the right side of the page, there are sections for "Sobre" (About) and "Transparência da Página" (Page Transparency). The "Sobre" section includes options like "Enviar mensagem", "Site educacional", and "Sugerir edições". The "Transparência da Página" section states: "O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo." It also mentions "Página criada em 3 de outubro de 2018" and lists language options: "Português (Brasil)", "Português (Portugal)", "English (US)", "Español", and "Français (France)".

At the bottom of the page, there is a search bar with the text "Digite aqui para pesquisar" and a system tray showing the time as 13:19 on 11/10/2019.

Anexo 11 - Atividade elaborada pelos alunos e postada na página do facebook.



Anexo 12 – Turma 3.1 do magistério da E.E.B. Professor Balduino Cardoso.